

NÃO SE CASE

... sem uma boa preparação
Use os melhores livros de apoio

PARA OS AGENTES
DA PREPARAÇÃO AO CASAMENTO

o assunto é
Casamento

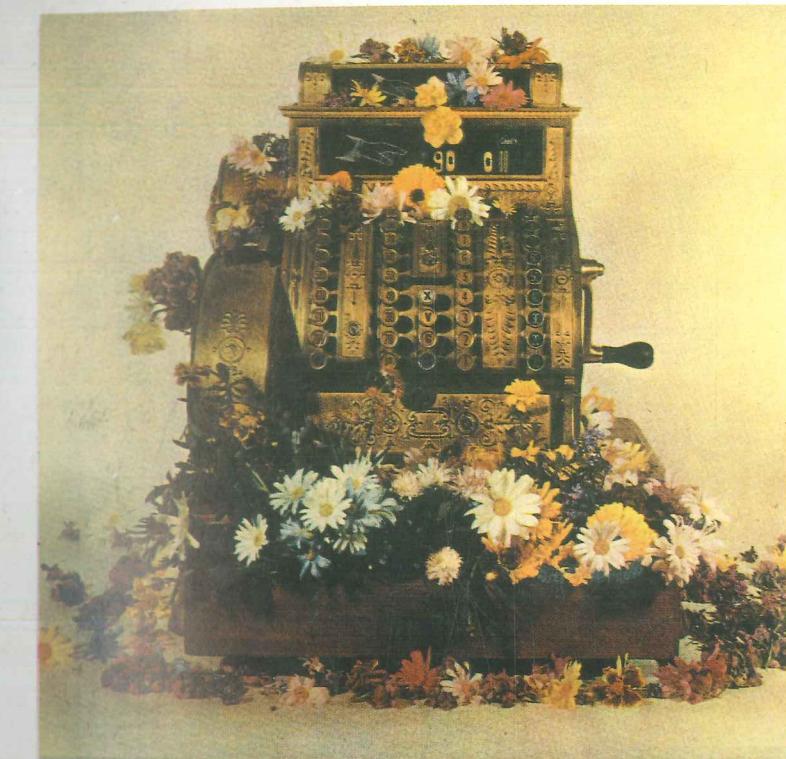
PARA OS QUE SE CASAM

Amor e
Casamento

PEDIDOS À LIVRARIA DO MFC
RUA ESPÍRITO SANTO, 1059/714
30160-922 BELO HORIZONTE - MG
TEL. (031) 273-8842

movimento familiar cristão - mfc

**Drogas
por quê?
Otimismo
sem baixar as armas
Entre homem e mulher**



O ícone da nova idolatria

fato
e razão

Entre homem e mulher

Frei Betto questiona atitudes na vida de um casal com um pequeno conto, que pode virar carapuça... 5

Cisco no olho

Marco Gomes recorda um outro conto para fazer o leitor refletir sobre o rigor dos nossos julgamentos, 16

Luxúria

Rubem Alves deixa claro o que é e o que não é a luxúria, um dos velhos "pecados capitais" do catecismo, 12

A fábrica fechou – via Internet

Helio Amorim mostra como se fecham fábricas, sem considerar as pessoas atingidas com decisões distantes, 18

Amor e fé a serviço da saúde

Marcelo Barros revê o conceito de saúde e como as religiões e a prática do amor atuam sobre ela, 52

Otimismo sem baixar as armas

Helio e Selma Amorim vêm razões para um moderado otimismo se a mobilização popular continuar, 2

O mundo para todos

Cristovam Buarque denuncia intentos de internacionalização da Amazônia e quer um mundo para todos, 34

Famílias invadidas pela AIDS

Roque e Lucinha descrevem o drama vivido pelas famílias atingidas pela doença, 26

Celibato clerical

E. Miret Magdalena, teólogo, recorda um pouco do que chama "obscura história do celibato" do clero, 54

A arte de brincar com Deus

Marcelo Barros volta a tratar das questões bioéticas relacionadas com o mapeamento do genoma, 30

Drogas – por quê?

Pedro Ribeiro de Oliveira aborda o problema enfrentado com mais vigor com a Campanha da Fraternidade, 44

Uma vida de doação, trabalho e amor

Partes de uma entrevista com D. Aloísio Lorscheider recordam episódios quase esquecidos, 68

Cidadania e fé

Pe. Zézinho desafia o cristão a exercer com firmeza sua cidadania como opção de fé, 48

Banalização da injustiça social

Eleazar Ribeiro teme que a permanência prolongada da injustiça acabe esfriando a indignação, 62

46 fato e razão

Edição MFC

Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

Luiz Carlos e Rita Martins
José Maurício e Marly Guedes
Sebastiana Leão
José Geraldo e M. Carmo Silva
Valverde e Rosa de Barros
José Newton e Ariadna Ribeiro
Simeão e Hilda Santana
Aldemiro e Alaídes Cláudio
Maria Inês Conti Victor
Antonio e Eliane Goulart
Maria Carolina Ragone Martins
Jesuliana Nascimento Ulysses
Helen Nascimento Ulysses

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF
Instituto Brasileiro da Família

Capa

"O ícone recuperado da idolatria ao deus mercado"

Distribuição e Correspondência

Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 714
Tel. (031) 3273-8842
30160-922 Belo Horizonte – MG

Data desta edição:
Maio 2001.

Sumário

2001 – Otimismo sem baixar as armas, 2
Helio e Selma Amorim
Entre homem e mulher, 5 Frei Betto
Amizade, 8 Marcelo Barros
Mendigo e maltrapilho, 10 Padre Zézinho
Luxúria, 12 Rubem Alves
Nudez, 15 Beatriz Reis
Cisco no Olho, 16 Marco Antonio Mota
A fábrica fechou – via Internet, 18 Helio Amorim
Não fique assim tão sério, 22
A foto, o fato, a razão, 25
Famílias invadidas pela Aids, 26 Roque e Lucinha
Mesmo assim, 29 Madre Tereza de Calcutá
A arte de brincar com Deus, 30 Marcelo Barros
Você tem diabetes? 33
O mundo para todos, 34 Cristovam Buarque
Jesus e as mulheres, 36 Frei Betto
Espiritualidade e política, 40 Yulo Oiticica
A águia, 43
Drogas, por quê? 44 Pedro Ribeiro de Oliveira
Cidadania e fé, 48 Pe. Zézinho
A bomba d'água, 50
Amor & fé a serviço da saúde, 52 Marcelo Barros
Celibato clerical: uma história obscura, 54
E. Miret Magdalena
Castigo para quem pensar, 56 Marcelo Barros
Fé, política e socialismo, 58 Frei Betto
A oração do Senhor e o Jubileu, 60
Pedro Vasconcellos e Rafael R. Silva
Banalização da injustiça social, 62
Eleazar de Castro Ribeiro
Um dos aspectos mais dolorosos da religião, 66
Pe. Zézinho
Uma vida de doação, trabalho e amor, 68
Entrevista com D. Aloísio Lorscheider
A romaria do coração, 72 Marcelo Barros
Crítica aos proprietários de terra, 74
Pedro Vasconcellos e Rafael R. Silva
A força do espírito, 76 Eliomar Ribeiro
Avaliar-se, 78 Suely Carneiro
Quem é o assassino?, 80

2001 Otimismo - sem baixar as armas...

Rememorando ainda uma vez o ano que fechou o milênio, é justo deixar um pouco de lado o pessimismo. Não é construtivo achar que nada deu certo e que vamos para o mais tenebroso abismo no novo século que já começou. Talvez não seja bem assim.

É claro que ainda estão distantes as transformações sociais profundas necessárias para que prevaleça a justiça, a igualdade, a solidariedade, a partilha e a participação de todos nas decisões políticas e nos benefícios da civilização que avança.

Mas terminamos o ano com boa safra de sinais promissores.

Foram muitas as manifestações populares e ficou claro que, finalmente, o povo se organiza para exigir justiça social e a justa distribuição dessa propalada riqueza crescente que os índices econômicos oficiais exibem. Por ora essa riqueza se concentra em poucas mãos. Aconteceram marchas históricas e cresceu o peso

político conquistado pelos sem-terra, movimentos populares que se afirmam por cima das estruturas políticas convencionais, ocupando espaços significativos na mídia contrariada...

Por essas pressões das bases organizadas, sente-se que a parcela mais acomodada da população e consequentemente o governo e parlamentares passaram a sentir medo de alguma explosão social que ameaçaria seus privilégios. Muitos políticos perceberam que seu futuro na vida pública dependeria de uma virada em suas propostas.

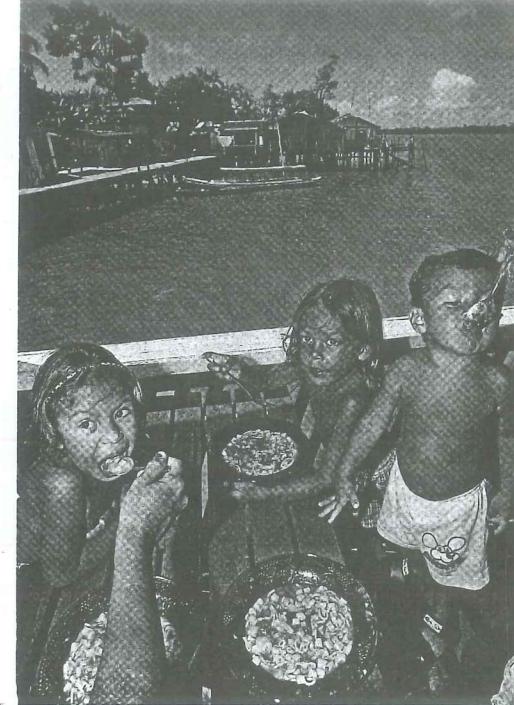
A indignação, a esperteza política ou o medo das consequências fizeram convergir muitos discursos para a urgência da reversão da pobreza e da miséria no Brasil - e no mundo. Por isso, foram criados fundos financeiros para a redução da pobreza. O governo começou a rechear seu discurso com frases de sociólogo talvez despertado de longa sonolência. E até o FMI e o Banco

Mundial, por seus dirigentes máximos, colocaram a pobreza como destinatária de suas aplicações financeiras no mundo. Uma espécie de opção do "Consenso de Washington" pelos pobres! O que pode até explicar essa convergência de sensibilidades sociais tardias nas nossas praias...

O Brasil já está disseminando internamente e até exportando boas idéias para o mundo: bolsa-escola, renda-mínima, favela-bairro, orçamento participativo, já entraram para o vocabulário internacional. Disputa-se até a paternidade desses programas.

Por outro lado, a impunidade está em baixa relativa: senador e deputados cassados, juiz e parlamentares presos, ladrões de colarinho branco povoando nossas prisões, mais de 800 bandidos, ladrões e cúmplices indiciados por uma corajosa CPI do narcotráfico que acabou desocultando redes inimagináveis do crime organizado. Jovens procuradores da justiça assumindo um protagonismo valente, intimidando os poderosos de sempre e, portanto, já bombardeados por medidas provisórias exigidas pelos que têm culpa no cartório...

Aleluia! A sonegação de impostos ficou também inesperadamente ferida pela quebra do sigilo bancário e a permissão do confronto entre movimentação financeira, CPMF e declarações de imposto de renda. Milhares de sonegadores não conseguem dormir. Já estão presas as primeiras vítimas.



No Amapá, a Pastoral da Criança reduziu a zero o índice de mortalidade infantil por desnutrição, nas áreas em que está atuando. No resto do país os resultados são impressionantes, com muito voluntariado e custos irrisórios.

Outra medida que tardava: o INCRA cancelou na virada do século mais de 3000 títulos de propriedade de terras griladas de norte a sul do país. Um ato de coragem, pressionado pelas denúncias dos sem-terra, em meio a ameaças de morte. Uma longa investigação desmascarou a grilagem criminosa de terras públicas, cobrindo mais de um décimo do território do país. Foram roubadas através de escrituras e registros de imóveis falsificados por latifundiários com a cumplicidade de advogados desonestos e funcionários de cartórios, ao longo de muitos anos.

(Um único "proprietário" de terras no Pará "possuía", com títulos falsos devidamente registrados, área do tamanho da Bélgica mais a Holanda). Milhares de processos estão sendo iniciados para apuração das fraudes em cartórios. As terras retornam desde já à propriedade do governo e poderão ser usadas para a continuidade da reforma agrária.

São golpes pesados contra a corrupção, até então imune, protegida pelas redes de cumplicidades aos poucos desmascaradas.

Ainda mais: tivemos a maior eleição da nossa democracia relativa, com mais de cem milhões de eleitores, talvez um recorde mundial, com baixa abstenção e um sistema eleitoral mais protegido contra fraudes, com apuração e resultados em poucas horas, proeza a ser ensinada a certos países lá de cima que ofereceram um espetáculo de ridícula incompetência para uma divertida audiência mundial.

Mas o que aprendemos também a enxergar melhor foi essa extensa e discreta rede de pessoas, igrejas e organizações que distantes da mídia, sem alarde, como convém, se dedicam a espalhar a bondade e produzir humanização em todos os recantos do país. Nas favelas, orfanatos, hospitais, acampamentos de sem-

terra e sem-teto, redes de solidariedade funcionam com resultados incalculáveis e testemunhos de vida comoventes. Um reconhecimento ainda que tardio: a Pastoral da Criança, que reduziu de forma impressionante a mortalidade infantil no país, começa o ano indicada para o Prêmio Nobel da Paz. Podemos começar a torcer.

O que esperar, então, do ano que começou com pesadas acusações de corrupção em pleno Senado Federal??

Se o povo lascado e sofrido está mais organizado, se a corrupção e a tradicional impunidade foram atingidas pela coragem de parlamentares e procuradores, se sonegadores já pensam em sair do país, se surgem, de onde menos se esperava, recursos financeiros significativos para novos programas sociais e extensão de outros já bem sucedidos, se redes de solidariedade se tornam mais visíveis neste ano dedicado ao trabalho voluntário, não será justo o pessimismo ante o futuro. Mas temperando o otimismo com o realismo das necessidades não atendidas, para não cairmos na tentação de um mortal "adeus às armas".

* Editores de Fato e Razão, ex-presidentes latino-americanos do MFC

"Toda guerra é um catálogo de asneiras". (Winston Churchill, Primeiro Ministro britânico, durante a Segunda Guerra Mundial).



DRAMAS DO COTIDIANO

Entre homem e mulher

Frei Betto*

O tapa de Mauro no rosto de Paloma ressoou como um bater de asas.

Executiva de uma agência de publicidade, casada fazia oito anos, jamais imaginara que o marido, engenheiro civil, chegaria àquele ponto.

Percebera, sim, que algo o inquietava desde o dia em que ela, admitida na agência, abandonou no passado a Amélia que ele desposara. Agora, ela também tinha horários e compromissos, colegas de profissão e amigos próprios. Já não era a gueixa que ele se acostumara a encontrar no fim de tarde, perfumada e sorridente, solícita à iminência de

um jantar liturgicamente preparado.

Uma intrusa atravessava a relação do casal: a TV. Mauro mostrava-se interessado no noticiário e no esporte; Paloma, nas novelas. Aos poucos, o diálogo olho no olho cedia lugar ao monólogo televisivo. Se ela indagava como havia sido o dia na empresa, ele preferia mudar de assunto e selava seu silêncio com uma dose de uísque. Paloma contava o que ouvira da manicure ou sugeria almoçarem na casa dos pais dela, no domingo. Mauro parecia não escutar, estirado em bocejos.

A indiferença do marido durou até o ingresso dela na agência de publicidade.

Mauro passou a queixar-se do desencontro de horários e, impaciente, enfiava o prato no microondas e comia em companhia da TV. Paloma, animada com o novo trabalho, chegava em casa qual uma adolescente carregada de novidades. E se deparava com um parceiro emburrado, órfão de atenções exclusivas.

Logo vieram as cenas de ciúmes. Por que chegou tarde? Quem é fulano? Que idéia é essa de passarmos o fim de semana na casa de praia do diretor da agência?

Paloma sentia-se dividida e, aos poucos, o encanto se transmutava em diplomacia, medindo gestos e palavras.

Mauro competia com a mulher. Paloma sabia que o amava, disposta a enfrentar o período de dificuldades. Queria até mesmo um filho de Mauro. Mas aprendera que, no casamento, as mulheres esperam que os homens mudem, e eles não mudam; os homens esperam que as mulheres não mudem, e elas mudam.

Da irritação permeada de ironias, Mauro passara, nos últimos meses, à discussão. Ela se esquivava, abria mão de compromissos, tentava ser compreensiva, fingia não se incomodar com as expressões ácidas do marido.

A crise agravou-se com a notícia de que, com o aumento de salário, Paloma teria renda superior dele. Todas as teorias antimachistas que ele professara havia tempos se apagaram da

memória. Chegou a sugerir que a mulher largasse o trabalho. Ele ganhava o suficiente para manter confortavelmente o casal.

Era indisfarçável o exasperamento dele ao vê-la ao telefone, acrescido pelas ocasiões em que não conseguia acessar o celular dela.

Na noite da entrega do prêmio de publicidade à agência, ao sair do banho Mauro pretextou cansaço. Não suportaria a recepção programada para depois da cerimônia. Preferia ficar em casa, haveria futebol na TV. Propôs que, encerrada a solenidade, ela retornasse. Preparariam juntos um bacalhau ao leite de coco e tomariam um bom vinho.

Paloma considerou a proposta excelente para a noite seguinte, mas não se via em condições de se furtar ao evento. Tinha a obrigação de ser atenciosa com seus clientes.

A objeção acendeu a ira em Mauro, as palavras inflaram em sua boca, a frustração liberou a fúria que, agora, o movia, impaciente, em torno da cama, enquanto a mulher se aprontava diante do espelho.

Quando ela se virou para indagar se o vestido novo lhe caía bem, Mauro ergueu o braço e deixou cair a mão dura na face esquerda de Paloma. Ela sentiu todo o corpo se aquecer, como se a corrente sangüínea tivesse entrado em ebulição. As lágrimas saltavam-lhe dos olhos e os músculos tremiam, desconjuntados. Atirou-se à cama de bruços, como se

quisesse cavar o chão e fugir para o outro lado do mundo. Não queria acreditar que entregara a sua vida a uma fera travestida de homem.

- Como você interpreta esse episódio? Acontece mesmo? Ou é pura fantasia do autor?
- O amor pode sobreviver ao machismo autoritário em nossos dias? E no passado, era possível a felicidade no casamento com essa marca?
- Como a preparação ao casamento pode ajudar o casal na construção de uma união amorosa adulta? O que caracteriza uma união dessa natureza?

* Frei Betto, dominicano, é autor do romance Hotel Brasil (Ática), entre outros livros.

Salve-se quem puder! Sonegadores estão apavorados. Foi aprovada a quebra de sigilo bancário e autorizada a Receita Federal a confrontar a CPFM do contribuinte com a sua declaração de imposto de renda. É um ataque ainda que tardio aos que sonegam ou escapam dos impostos com velhas espertezas. Os bancos protestaram e fizeram "tudo" para impedir a aprovação das três novas leis. Calcula-se que essa saudável "invasão de privacidade" será quase suficiente, sozinha, para o governo bancar um aumento menos indecente do salário-mínimo.

Pensamentos cínicos. "A verdade é a coisa mais preciosa que temos. Tratemos de economizá-la..." (Mark Twain).

Para melhor transmitir a nossa fé aos nossos filhos *Descomplicando a fé*

Helio Amorim

Editora Paulus

128 páginas - R\$ 10,00.

Pedidos à Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059/714 - 30160-922 Belo Horizonte - MG

Tel. (0**31) 3273-8842

À venda no MFC e nas LIVRARIAS PAULUS da sua cidade

Quem busca um modo mais humano de viver sabe: a amizade é porta para a mais profunda realização e força para as pessoas realizarem sua missão.

AMIZADE

caminho do encontro com Deus

Marcelo Barros *

Uma vez, visitando uma comunidade indígena, entrevistei o mais velho do grupo. Ele aceitou responder minhas perguntas e contar algo de sua cultura.

Senti que confiou em mim e se abriu, chegando a criticar os missionários que o haviam catequizado. Marcamos um encontro para o dia seguinte de manhã. Já nos despedíamos, quando ele me perguntou:

- Onde vamos nos encontrar?
Respondi:
- Posso ir à sua casa.

Ele olhou-me com simpatia e, sem qualquer tom de censura:
- Quando você e eu formos verdadeiramente amigos, eu o convidarei para entrar em minha casa.

Em nossa sociedade, já não há mais ritos nem respeito ao necessário processo para o

aprofundamento de uma relação. No casamento, a intimidade que antigamente acontecia após um longo processo de conhecimento mútuo, hoje pode se dar no primeiro momento. Tanto para o casamento, como para a amizade, é necessário um caminho de aprofundamento com seu tempo e seus ritmos.

A fraternidade e o amor ao próximo são propostas universais. Somos todos irmãos e irmãs. A amizade é uma fraternidade privilegiada entre pessoas que se escolhem como companheiros e parceiros de vida. Colegas se encontram, por acaso. Amigos se elegem para uma aliança de vida que toca verdadeiramente na interioridade de cada um, expressa-se pelo acolhimento interior um do outro e se exercita na capacidade de convívio entre

pessoas diferentes. A diversidade consentida não impede o diálogo e o acordo. O segredo da amizade é encontrar o modo de se sentir ligados e unidos, aceitando as diferenças mútuas. A amizade pode sempre ser aprofundada e enriquecida.

Há quase meio século, Antoine de Saint Exupery escrevia "O Pequeno Príncipe", parábola que percorreu o mundo. Em todas as línguas, repetia-se o que o príncipezinho dizia à raposa:

"O essencial é invisível aos olhos... Cativar é criar laços. Para ser amigo, é preciso cativar. Isso exige tempo. As pessoas querem comprar tudo pronto nas lojas. Como não existe loja de amigos, as pessoas não têm mais amigos".

Desde o início da Bíblia, Deus revelou que a relação amorosa entre o homem e a mulher é o mais forte sinal da união de Deus com a humanidade. Entretanto, há um sinal mais gratuito: a amizade. Deus faz com quem crê um compromisso de amizade. Chamou Abraão de "amigo". Conversou com Moisés como um ser humano convive com a pessoa amiga. Jesus começou sua missão reunindo um grupo de companheiros, aos quais falou:

"Não chamo vocês de discípulos. Chamo-os de amigos, porque confidenciei a vocês tudo o que recebi do meu Pai".

- *Como vivemos a amizade no nosso grupo social, movimento, ambiente de trabalho, escola, igreja?*
- *Como expressamos a nossa amizade por alguém? Ou não sabemos expressá-la? Alguns exemplos podem ajudar nesta reflexão.*

Para os cristãos, Jesus é o mediador da nossa relação com Deus e também das nossas amizades. Ele está presente e se manifesta entre duas pessoas amigas.

Na Idade Média, os cristãos tinham um rito de consagração da amizade. Em um ofício litúrgico, duas pessoas se comprometiam a aprofundar a amizade como lugar de encontro com Deus e acolhida de Jesus Cristo Amigo.

Na Alemanha nazista, o pastor Dietrich Bonhoeffer foi entregue à Gestapo pelo próprio cunhado que o acusou de conspirar contra Hitler. Assim traído por um amigo íntimo, o pastor foi condenado à morte. Dias antes de ser executado, escreveu:

"A amizade sempre pode ser traída. O próprio Jesus passou por isso. Devemos ser mais cuidadosos na escolha das pessoas de nossa confiança. Mas, se não confiarmos em alguém, que alegria ainda teria essa vida?".

Sempre é hora de rever se na sua vida você tem dado importância e prioridade ao aprofundamento de verdadeiras amizades. Verifique se você sabe ser verdadeiramente amigo ou amiga e se as pessoas confiam em você, seguras de não serem decepcionadas.

* Monge beneditino, escritor.

Nem todo mundo aprende a conviver com a pressa e com o barulho, nem todo mundo consegue viver sob pressão.

Mendigo e maltrapilho

Pe. Zezinho, scj

Soube, há pouco, que tinha sido atropelado, três dias depois. Evidentemente, tinha repetido o gesto. Virara notícia de rádio, porque jornais grandes raramente noticiam morte de mendigo. Não é notícia.

Quando passei outra vez por aquele viaduto veio-me a nítida sensação do que é enlouquecer no meio da cidade grande. Aquela noite, quando ouvi a notícia de que outro mendigo tinha sido atropelado, fiquei pensando nos milhares de cidadãos que enlouquecem com o barulho, o desespero, a fome, a deseducação, o desemprego e a falta de amor e de ternura. Aqueles homens um dia devem ter tido alguém. Tiveram roupas boas. Algum dia alguém sorriu para eles. Algum dia foram, ainda que por alguns meses ou anos, pessoas normais. O que os levou a esse estado de não-pessoa? O que fez deles apenas animais humanos perambulando pelas ruas, sem saber exatamente o que fazer? Os cientistas explicarão seu comportamento a partir de reações cerebrais, outros falarão de reações

Maltrapilho, todo ensebado, cabelos espetados, roupa em tiras, ele mais parecia um desses bonecos de filme de terror do que um ser humano. Dentes feios, grandes, desenfileirados, tentava parar os carros que se desviavam dele.



mentais e físicas, outros aduzirão falta de família, de religião... Haverá quem fale de carma e destino.

Todos tentarão explicação e talvez sejam quem menos saibam como acabaram daquele jeito.

- *O estilo de vida que levamos é saudável para a mente e o espírito? Ou vivemos estressados, sempre correndo?*
- *Qual é o nosso projeto de vida? Seguir o que estamos vivendo ou viver de outra maneira no futuro?*
- *Algo nos impede de viver como desejaríamos? Explicar.*

"Eu não quero um homem que só diga sim trabalhando comigo. Quero alguém que me fale a verdade, mesmo que isto lhe custe o emprego..." Samuel Goldwyn.

Fatalidade? Nasceram para morrer assim, ou tinham chance de mudar seu rumo? A loucura é inevitável ou é possível controlá-la?

Os modernos tranqüilizantes têm controlado a vida de muitos deles.

Técnicas de acompanhamento ajudaram muitos a saírem do estado mais agudo de loucura, mas os fatos persistem: há muitos cidadãos enlouquecidos no campo e na cidade, mais na cidade do que no campo.

Nem todo mundo aprende a conviver com a pressa e com o barulho, nem todo mundo consegue viver sob pressão.

As religiões e a medicina poderiam ajudar, se trabalhassem juntas. Mas enquanto uma desprezar os conhecimentos da outra, ficará muito difícil ajudar esses irmãos. Há mais loucos por aí do que se possa imaginar. A maioria não nasceu louca: ficou louca!

Luxúria

Rubem Alves*

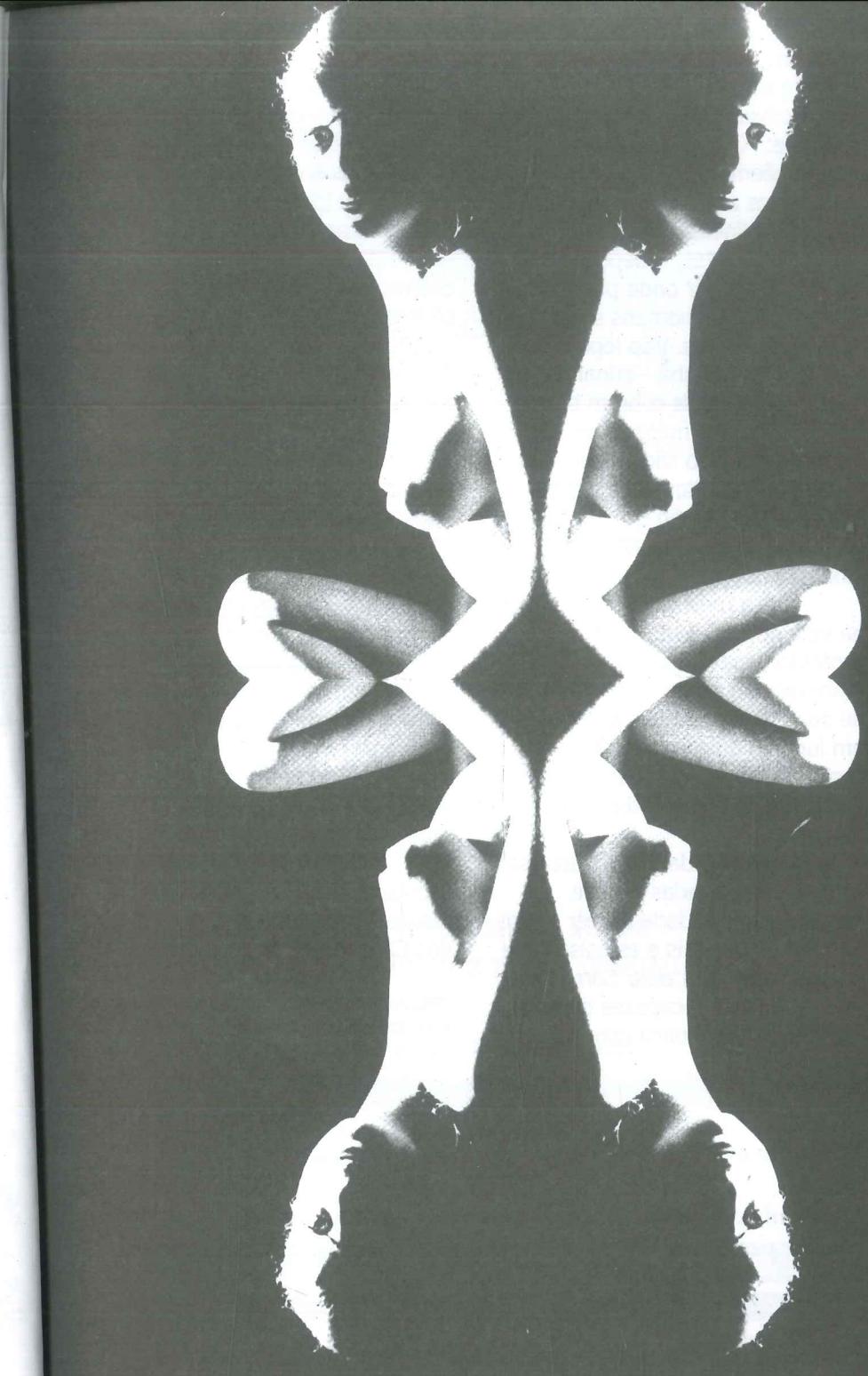
Luxúria! Quais as imagens que vêm a sua cabeça quando você ouve essa palavra? Não é preciso dizer. Eu sei. São imagens de grandes orgias sexuais, homens e mulheres fazendo sexo de tudo quanto é jeito, das formas mais obscenas... Um filme pornô sempre ajuda a imaginação, lá estão eles, escondidos, no cantinho da locadora de vídeos. Gozado: os filmes pornôs ficam escondidos. Mas os filmes de matanças não ficam. Por quê? Você tem vergonha? Que é que os irmãos da igreja irão dizer, se soubessem?

Mas vencendo o medo dos irmãos e o medo de Deus, você pega o vídeo pornô... "Deus me livre. Jamais faria isso. Não é comigo. Desse pecado eu não sofro. Sou pessoa religiosa, jamais iria ver filme pornô, isso é coisa de gente depravada. Os outros pecados, gula, inveja, arrogância, até pode ser. Mas luxúria, jamais! Prá dizer a verdade até que perdi o interesse por coisas do sexo. A idade sempre ajuda as virtudes..."

Pois eu quero lhe dizer que luxúria não é nada disso. A luxúria não mora nos genitais. Ela mora nos olhos. Isso mesmo. Luxúria é um jeito de olhar. O resto são

simples deduções algébricas, c.q.d. Eu tinha um livro de arte erótica. Para escrever essa crônica fui atrás dele. Queria examinar de novo alguns detalhes divertidos. Mas onde está o danado? Sumiu. Ainda vou escrever sobre essa curiosa propriedade que os livros têm de sumir. Um dos mais amados, presente de amigo, único, maravilhoso, "Enciclopédia das coisas que não existem", produzido na Espanha, capa verde, grande, ilustrações incríveis, colorido, desapareceu e não houve jeito de achá-lo. Deve ter voado, por conta própria, para alguma outra estante onde hoje se encontra, para a alegria de uma outra pessoa.

Mas, voltando ao tal livro de arte erótica que comprei em um sebo: o que eu procurava era uma ilustração: homens e mulheres, numa alegre reunião social. Só que nenhum deles possuía um rosto. Ao invés de um rosto, pênis e vaginas: pênis e vaginas em alegre conversação (não vá se lembrar disso na próxima festinha...). Pois essa é, precisamente, a característica da luxúria: os olhos não se interessam por rostos; olhos, cabelos, mãos. Eles só vêm uma coisa: os genitais.



Ah! Você vai logo dizer que isso não acontece com você. Bem, tudo é crível... Mas deixa que lhe pergunte: "Quando você está na praia e vêem aqueles gatos musculosos andando, verdadeiros deuses apolíneos - claro, você olha para o rosto. Mas, e depois de olhar para o rosto? Por onde passeiam seus olhos?" Os homens são mais desavergonhados. Vão logo tirando o biquíni da gatinha - afinal de contas, os biquínis cobrem tão pouco! Os olhos mergulham nos detalhes que não são vistos, mas são sugeridos. Biquínis e sungas são convites à visão do que não se vê. Na praia essa transformação do olhar é evidente.

Mas a mesma coisa acontece na vida normal. Um amigo, professor, me confessou do seu embaraço ao perceber os olhares de suas jovens alunas, centrados em lugares outros que não o seu rosto. Talvez porque ele não fosse superdotado e se sentisse diminuído.

O pecado da luxúria faz isso: as pessoas atacadas por ele perdem a capacidade de ver rostos. Só vêm os genitais e as coisas que podem fazer com eles. Com isso elas se tornam incapazes de amar. Porque o amor nunca começa nos

genitais. O amor começa no olhar. Olhando fundo dentro dos olhos de alguém possuído pelo demônio da luxúria a gente só enxerga uma coisa: pênis e vaginas. Pênis e vaginas, de vez em quando, tudo bem. São partes, pequenas partes, de um delicioso brinquedo que se chama "fazer amor". Mas quando é só isso que aqueles olhos vêem, o resultado é uma imensa monotonia. Porque todas as orgias sexuais, no fundo, são a mesma coisa.

Cura para a perturbação oftalmica chamada "luxúria"? Nem reza, nem promessa, nem flagelação, nem ameaça. O remédio é poesia. Os demônios têm horror de poesia. Não há luxúria que resista aos poemas de Vinícius, do Drummond, da Adélia.

Nos meus tempos antigos de protestante usava-se fazer uma coisa chamada "culto doméstico". A família se reunia para ler a Bíblia e orar. Acho que costume semelhante seria salutar: as famílias se reunissem para ler poesia.

Inclusive as Sagradas Escrituras. Não há luxúria que resista à leitura do livro do "Cântico dos Cânticos". É lindo e sensual.

*Psicanalista, escritor, poeta. Extraído do Correio Popular, nov.2000)

*"Quando a saudade não cabe mais no peito, transborda pelos olhos".
"Saudade é algo que ficou de alguém que partiu... e não levou tudo que lhe pertencia".*

Nudez

Um dia meus olhos se abriram e percebi minha nudez enquanto se fazia ouvir a voz cantante do amado.

Envolvi-me de aurora e de crepúsculo
passei nas asas do vento
mergulhei nas águas do mar
batidas por muitos sóis e muitas luas.

Mesmo assim permanecia a nudez
- forma original de meu ser.
Procurei o manto de Adão
chorei pelo manto de Elias.

A voz do amado se fazia mais forte
e minha nudez, cada vez mais desnuda.

Saí a seu encontro sem cobrir-me
seus olhos me amaram em minha pobreza
seus braços me cingiram como a brisa
e, esquecida de tudo, nasci outra vez...

Beatriz Reis

Cada vez mais fico encantado com a possibilidade evangelizadora da Internet. Quando utilizada para fazer circular o bem em forma de curtas mensagens, cumpre um papel extraordinário.

Cisco no olho

Marco Antônio Mota Gomes*

Tenho alguns amigos, com os quais me comunico com certa freqüência, que me enviam mensagens profundas e sempre merecedoras de comentários.

Aprendi muito com uma historinha recebida recentemente sobre um casal que havia mudado de residência e começava a observar a vizinhança. A vizinha de frente, estendia diariamente os lençóis que lavava e a vizinha recém chegada ao observá-los comentava com o marido:

"Veja como ela lava mal. Qualquer dia vou ensinar-lhe como se lava um lençol, para que fique bem branquinho como os nossos".

Vários meses se passaram e de vez em quando ao olhar pela janela ela fazia o mesmo comentário para seu marido.

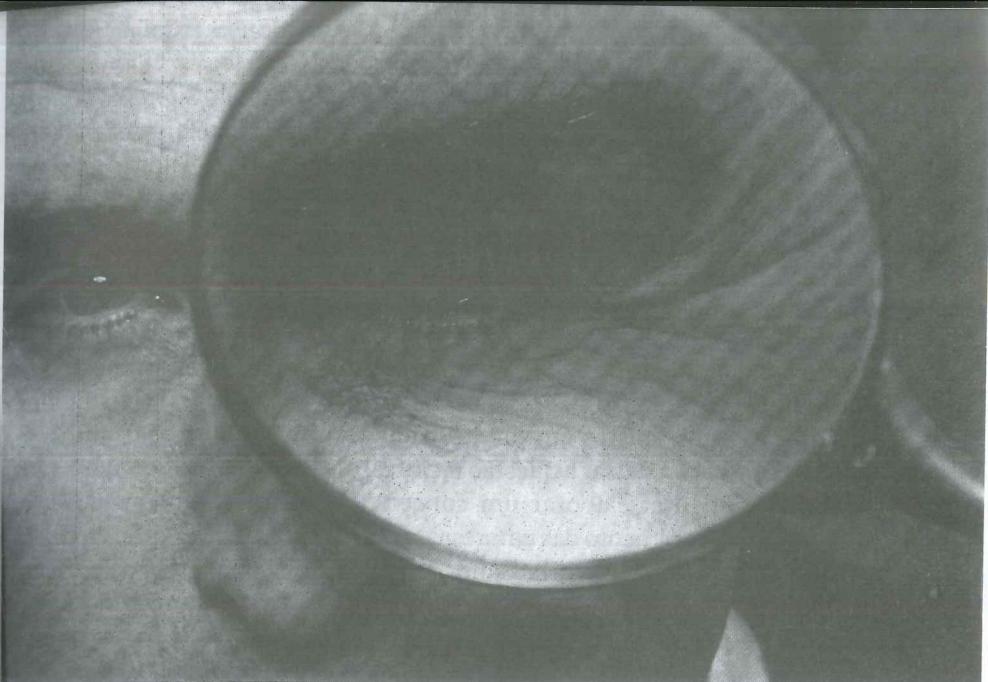
Num determinado dia, ao observar pela janela, ela surpreendeu-se pela branura dos lençóis da vizinha, chamou o marido e fez o seguinte comentário:

"Alguém deve ter ensinado a vizinha como se lava um lençol".

O marido então revelou:
"Você está equivocada. É que ontem eu limpei o vidro da nossa janela".

Como observadores contumazes da vida alheia, sempre enxergamos sujeira na vida dos outros, que pode ser o vizinho do lado ou ainda o amigo que mora fora do alcance dos nossos olhos, às vezes até bem longe. Mesmo diante de uma "olhadela" superficial somos capazes de julgar e condenar uma atitude de outra pessoa, embora sem ter certeza de que estamos diante de um fato consumado.

É da natureza humana fazer avaliações precipitadas e assim produzir julgamentos de fatos acontecidos, como se juizes fossemos das atitudes alheias. É da natureza humana "olhar à distância" e pensar que é possível fazer comentários acertados do proceder de alguém. É da natureza humana, imaginar que a "sujeira" está sempre no proceder do outros e nunca na nossa fértil imaginação.



O difícil é aceitar que essa característica "bisbilhoteira" seja da natureza do homem. Penso que o "simples olhar" desprovido do julgar numa ótica humanizadora é que estimula conclusões precipitadas. Devemos desenvolver o "olhar crítico" para que se dirija inicialmente para o nosso interior, permitindo-nos compreender as nossas sujeiras e limitações e, como consequência aprendendo a enxergar "a sujeira" dos outros segundo um referencial construído a partir de nossa própria realidade, nem sempre menos "suja". Depois, quando fomos impelidos (por força da natureza humana) a julgar alguém ou alguma atitude, o fazer

alicerçado na ótica da humanização, que deve se deslocar sempre no sentido do mal para o bem, propiciando uma correção fraterna, que não fecha os olhos para o erro, mas que não aniquila aquele que errou.

Assim, quando um dia diante da "sujeira dos lençóis do vizinho", desejar fazer qualquer comentário, eu possa lembrar que entre a minha visão e o proceder do outro existe o "vidro da janela", que eventualmente até pode ser "um cisco no meu olho".

* Médico cardiologista, presidente do SPLA – Secretariado do MFC Latino-Americano.
e-mail: mamg@mfc.al.org.br

"O sábio não diz o que sabe, o tolo não sabe o que diz".
(Provérbio chinês)

*“... porque fora do mercado
não há salvação”.*

A fábrica fechou (via Internet)

Helio Amorim *

Aprendamos como funciona a globalização na questão do emprego. Você está empregado numa empresa que tem fábricas em vários países e sede numa cidade qualquer da Europa, Estados Unidos ou Japão. Essa empresa só tem condições de sobreviver na competição feroz do mercado, agora mundializado e vestindo uniforme neoliberal, se continuamente baixar custos e aumentar a qualidade dos seus produtos.

Baixar custos é bom para os consumidores, naturalmente. Mas os custos dos seus produtos dependem de muitas coisas: (a) dos preços de matérias primas e dos componentes fabricados por seus fornecedores; (b) dos salários pagos aos seus empregados; (c) dos impostos e encargos incidentes sobre salários, produção e vendas; (d) dos custos dos financiamentos; (e) da remuneração do capital e lucro a ser distribuído aos acionistas; (f) dos custos de promoção de vendas, incluídas as comissões e propinas a governos corruptos para assegurar privilégios.

Diante dessa equação, cujo segundo membro tem que ser o menor preço, o empresário sai em campo, para ganhar a concorrência segundo a lei da selva chamada delicadamente de mercado, uma instituição difusa, aparentemente de natureza divina: *“fora do mercado, não há salvação”*.

Ora, os preços da matéria prima e componentes industriais

A praga do desemprego se espalha por todo o mundo, como símbolo da sociedade da competição globalizada que exige a redução de custos através da automação e robotização ou pelo constante deslocamento de fábricas para países e regiões com maior fartura de mão-de-obra e mais baixos salários.



vão sendo pressionados pela mesma lei da competição desvairada, e chegam aos níveis mais baixos possíveis, tornando-se iguais para todos os concorrentes da empresa. Assim, deixam de influenciar na competição.

Também o lucro mínimo é sagrado, para que a diretoria da empresa não seja demitida ou enforcada pelos acionistas. Os juros e encargos financeiros e fiscais não são negociáveis, a não ser por procedimentos espúrios.

Restam a folha de pagamento e os encargos sociais. Será preciso arrochar salários e intensificar o *“lobbying”* (pressão e “convencimento” de autoridades e políticos...) para mudar essa terrível legislação trabalhista, com suas inúmeras incidências que elevam os custos de pessoal. A pressão política costuma ser generosa, envolve a mídia e produz a cada momento novos projetos de lei com esse objetivo, até agora frustrado. Então a alternativa é a automação,

a instalação de robôs para substituir a mão-de-obra, uma das causas óbvias do crescente desemprego no mundo. Feitas as contas, para o caso do seu empregador, os analistas chegam à conclusão que a automação já estava instalada, atingido o seu limite economicamente viável. Não é a saída para aquele país, que por acaso é o seu.

Esgotaram-se aqui as armas para aumento da competitividade, sempre reclamada pela distante matriz da empresa. Não adianta demonstrar que esta fábrica brasileira é bem administrada. O que interessa é sua rentabilidade e competitividade. Ponto final!

Então, reúne-se o alto comando da sua (deles) empresa, em Bruxelas, por exemplo. Os balanços estão sobre a mesa. O lucro não foi o esperado.

Talvez amarguem um prejuízo. Da dúzia de fábricas espalhadas pelo mundo, algumas estão no vermelho, outras não

apresentam o lucro esperado. A do Brasil... "onde fica, mesmo, esse país?", pergunta o big boss. Alguém esclarece.

Acontece que a festiva chegada daquela indústria à cidade brasileira, foi precedida, na época, por negociações às vezes suspeitas, que produziram borbotões de privilégios, subsídios, financiamentos favorecidos, reduções ou isenções de impostos e todas as facilidades possíveis - ou impossíveis, aquelas que só a boa propina permitiria concretizar. Houve até uma escandalosa competição entre estados na oferta de terrenos e isenções fiscais.

Nada disso é agora lembrado. Há que decidir.

Os que vão decidir se basearão em pareceres técnicos: "os encargos sociais naquele país são muito elevados, o movimento sindical tem conseguido vantagens para os trabalhadores que diminuem a nossa competitividade, os impostos são escorchantes, as propinas têm aumentado por lá..."

Feitas as avaliações, escolhem as fábricas que devem fechar. A ordem é expedida via-Internet. No mesmo dia começam as demissões. Tomam-se as providências para o encerramento das atividades. Milhares de famílias vão conviver por muito tempo com o fantasma do desemprego por decisão de pessoas distantes que não as conhecem, reduzidas que foram a simples números em gráficos coloridos.

A nomenclatura usada para a aplicação das leis de mercado, é

sofisticada: "reengenharia da empresa" ou "downsizing", que significam, demitir e enxugar quadros de pessoal para aumentar a competitividade.

Manter ativas as fábricas somente nos países de mão-de-obra mais barata, menos impostos e encargos sociais, com menos sindicatos para exigir vantagens trabalhistas.

Em suma, o seu emprego, trabalhador brasileiro, depende dessas variáveis analisadas por empresários que talvez nem conheçam o nosso país, reunidos a dez mil quilômetros de distância, decidindo sobre como alegrar seus acionistas com lucros crescentes, que garantam o seu próprio emprego... porque ser presidente de uma grande empresa multinacional é também um emprego instável. E o emprego dele é muito mais valioso que o seu, naturalmente...

Por outro lado, se olharmos para dentro de casa, entre o Oiapoque e o Chuí, empresas se deslocam de um ponto a outro do país, para aproveitar vantagens nem sempre lícitas, sem levar em conta as famílias que vão desestruturando com esse fechar-e-

abrir fábricas em busca de competitividade.

A pessoa humana é o que menos conta nas decisões subordinadas às leis de mercado.

Essa é uma das facetas perversas do modelo econômico que se construiu em obediência a essas leis, agora acentuada em sua perversidade com a remoção das

- *O problema do desemprego é grave na nossa região?*
- *Qual a causa mais visível do problema na cidade e nas zonas rurais?*
- *Quais as saídas políticas para ativar a economia da região e criar empregos na nossa região?*

Fuga de presos: descoberto o 13º túnel em presídios de segurança máxima...

Continua a fuga de presos por túneis escavados nos presídios de segurança máxima. É cada vez mais sofisticada a técnica utilizada na escavação, escoramento de tetos e paredes dos túneis e eliminação da terra escavada para burlar a vigilância.

fronteiras nacionais pelo fenômeno irreversível da globalização.

Faltam mecanismos adequados e antídotos para esse agravamento da maldade intrínseca do modelo econômico. Teria que ser adotado um modo mais altivo e menos subserviente para a nossa inserção no mercado globalizado.

Acreditamos que para um país (ou mercado consumidor, para usar a categoria própria vigente) das dimensões e importância do nosso, isto ainda seja possível. Ainda. Antes da ALCA.

* Editor de Fato e Razão.



Não fique assim tão sério...

Lógica feminina

Cena: mulher deitada, lendo um livro, no barco de pesca do marido. Aproxima-se um barco da fiscalização de pesca e o fiscal pergunta o que ela está fazendo ali.

"Lendo um livro", responde ela.

O fiscal lhe informa que ela está numa área proibida para pesca. A mulher protesta e diz que não está pescando.

"Mas a senhora possui todo o equipamento. Eu terei que apreender o barco e multá-la".

A mulher muito brava revida: "Se o senhor fizer isso, vou processá-lo por estupro".

Chocado com a ameaça da mulher ele responde:

"Mas eu nem sequer a toquei".

E ela:

"Mas o senhor possui todo o equipamento"...

A flauta mágica

Um caçador ganhou de um feiticeiro uma flauta mágica para ajudá-lo nas caçadas. Bastava tocar a flauta que os animais começavam a dançar, amansando as feras e facilitando a caçada.

O caçador se deu bem numa caravana com um bando de amigos, entusiasmados com os efeitos mágicos da flauta.

Uma onça braba foi liquidada logo no primeiro dia, depois que o ataque feroz dela se transformou em dança ao som da flauta.

O mesmo aconteceu com um leopardo que pulou de uma árvore sobre o grupo.

A caçada continuava um sucesso. Já não havia jeito de carregar tanta caça pesada.

Surgiu então um leão. Tranquilamente o caçador tocou a flauta. Mas desta vez o leão não dançou. Atacou e devorou um dos caçadores. Não se contentou com o primeiro e comeu o segundo. Ainda mais um de sobremesa.

Dois macacos assistiam a tudo num galho de árvore. Um deles disse para o outro: "Eu sabia que eles iam se dar mal quando encontrassem o leão surdinho".

Sonho realizado

João Picolé nasceu e vive até hoje numa pequena cidade turística de beira de praia. O apelido tem a ver com o seu ganha-pão. Ele vende picolé para os turistas nos fins de semana e

fatura bastante no verão. O resto do tempo, curte a praia e os amigos do bar.

Agora veio morar na mesma praia um empresário rico recém aposentado. Na praia já fizeram amizade. O empresário sente pena do João, que só fez o primário e vive aquela vidinha sem futuro. Dá conselhos ao homem do picolé.

"João, você precisa estudar, ir para uma cidade grande, trabalhar e ganhar dinheiro como eu fiz, desde jovem. Trabalhei duro a vida toda na minha empresa, 40 anos de luta. Mas agora estou gozando a minha riqueza. Comprei esta casa nessa praia linda e quero terminar meus dias por aqui. Faça como eu, João."

O João ficou calado um tempo, pensando. Depois disse:

"Mas doutor, o que o senhor conseguiu no fim de tanto trabalho e estudo eu já tenho, só vendendo picolé e curtindo essa praia linda onde quero passar todos os dias da minha vida..."

A freirinha

Uma freirinha idosa passa todas as manhãs pelo passeio da minha casa. Seu longo traje preto e sua alta estatura lhe conferem uma imagem respeitável e sóbria. Quando passa pela calçada, todos a reconhecem. Alguns até se benzem.

Na semana passada a religiosa saiu à rua, num de seus passeios silenciosos pela calçada, quase flutuando sobre a pedra portuguesa. Sua imponência

contrastava com a humildade de seu olhar, e suas feições alvas contrastavam com o tecido preto que a veste.

Um bêbado barbudo, estava encostado num poste murmurando coisas ininteligíveis e segurando uma garrafa de pinga quase vazia. Com a outra mão fazia gestos como se discursasse para uma platéia invisível. Estava desvairado. Começou a gritar bobagens e foi ficando mais exaltado, deixando cair a garrafa, que se quebrou na sarjeta, o que o irritou ainda mais. Momentos depois, a freira passou entre o muro e o poste. O bêbado levou um susto e, sem explicação, lançou-se sobre a doce monja como se estivesse atacando um animal feroz.

Ao primeiro soco a freira jogou longe o livro que segurava e ao terceiro caiu estatelada no chão. O bêbado enlouquecido batia sem piedade e berrava:

"Sempre sonhei em te quebrar a cara!"

Então viu a pobre mulher com seu hábito negro, inerte, caída no chão e deu-se por satisfeito. Deu dois passos para trás com ar de vencedor, olhou com desprezo para a figura negra escarrapachada na calçada e grunhiu:

"Eu esperava muito mais de você, Batman".

O olho do banqueiro

O homem aflito com suas aperturas financeiras tomou coragem e foi pedir um dinheiro ao banco. O gerente o atendeu com

mil perguntas, examinou o contracheque do salário, a declaração de imposto de renda, escritura da casa, exigiu garantias. Acabou tendo a certeza de que o cliente era sério e tinha bom avalista.

Mas resolveu fazer uma brincadeira final, antes de atender ao pedido.

"Meu amigo, para eu lhe conceder o empréstimo o senhor ainda tem que passar por um teste. Se acertar, o seu pedido será aprovado. Um dos meus olhos é de vidro, mas exatamente igual ao verdadeiro. Olhe bem para os dois e me diga qual é o de vidro".

O homem apontou sem hesitar:

"É o direito".

"Acertou, meu caro. Aprovo o empréstimo. Mas me diga: como acertou tão depressa?"

"É bem mais humano que o outro... e me olha com um certo ar de bondade."

Erro de cálculo

Paulo era excelente aluno, Marcelo não queria nada com o estudo. Em matemática nunca acertou nada. Nem terminou o curso. Não conseguia sequer calcular porcentagens...

Os dois colegas de escola se encontram vinte anos depois. Paulo na luta, fez universidade e vai

levando a profissão. Marcelo está rico, com seu pouco estudo e desastrada matemática.

"Como você ganha tanto dinheiro? – quer saber Paulo.

Marcelo explica:

"Compro e vendo qualquer coisa com lucro de 20%. É simples. Compro por exemplo uma mercadoria por 1000 reais, calculo 20% de lucro, dá 3000 reais. Com esses 20% dá pra ficar rico".

A comissão

A secretária do Ministro trouxe a agenda do dia para aprovação.

"Não se esqueça da entrevista que o senhor marcou com a comissão de agentes de seguro, às 15 horas".

O dia correu tranquilo, um bom almoço, o retorno ao gabinete, a secretária logo avisando:

"Chegou a comissão, ministro".

E ele, distraído:
"Deposita no Bradesco".

CARTA DE UMA LEITORA

"Meu nome é Ana Célia e tenho doze anos. Gostaria de agradecer por vocês voltarem a colocar na Fato e Razão o tema: **Não fique assim tão sério**, pois gosto muito de ler e não deixo nenhum passar batido." (Belém, PA).

"Deus dotou o homem de uma boca e dois ouvidos para que ele ouça o dobro do que fala". (Citado por Ana Célia, Belém, PA).

a foto



A foto chocante e tecnicamente perfeita é de Clemilson Campos, da Folha de Pernambuco, num trabalho de alto nível profissional.

o fato

700 catadores de papel e sucata, a maioria crianças, vivem do lixão de Muribeca, em Jaboatão, na Grande Recife, onde são depositados 56 mil toneladas de lixo por mês. Os catadores preferem explorar o lixo hospitalar, mais valioso que o lixo comum. Há outros milhares de lixões pelo Brasil afora.

a razão

O desemprego e baixos salários dos chefes de família empurram as crianças, mulheres e homens que desistiram de buscar emprego para uma atividade degradante e insalubre mas que lhes garante o mínimo para a sobrevivência. Na verdade estão vendendo a saúde por um rendimento miserável. De quebra vendem a oportunidade dos filhos de estudar para aumentar a capacidade da família de catar lixo e conseguir alguns trocados adicionais. A área reservada ao lixo hospitalar é vasculhada à noite por sucateiros ligados ao tráfico de drogas. Buscam luvas cirúrgicas, bolsas de soro, seringas descartáveis e materiais cortantes que valem dez vezes mais que o lixo comum.

Cada vez mais mulheres pegam o vírus HIV de maridos que fazem sexo em relações extra-conjugais.

Famílias invadidas pela Aids

Roque e Lucinha*

Quando a Aids explodiu nos noticiários, na década de 80, acreditava-se que apenas homossexuais e usuários de drogas estavam em sua mira. Durante esses vinte anos, os homossexuais aprenderam a se proteger. Passaram a usar camisinha e diminuíram o número de parceiros.

Porém, os homens casados que buscaram relacionamentos com mulheres fora do casamento ou vice-versa, cometeram três erros fatais ao mesmo tempo:

1. Acreditando que nesse caso estavam fora de perigo, não se preservaram ao fazer sexo fora do casamento. Uma derrapada feia, baseada numa visão estreita do assunto, está custando a vida deles. Hoje o número de homens casados infectados e os casos de óbitos tem aumentado assustadoramente.

2. As esposas desses homens estão pagando um preço muito alto. As estatísticas do governo mostram que a Aids está sob razoável controle no que diz respeito às relações homossexuais e bissexuais, mas cresce entre os heterossexuais e atinge como nunca mulheres casadas, muitas delas fiéis aos maridos que as contaminaram. Elas se sentiam protegidas pelo casamento. Fecharam os olhos às traições conjugais e aos riscos.

3. Esposo e esposa quando se traem, o cônjuge traído, sofre duas vezes. Pela dor de contrair uma doença mortal para si e para os filhos que virão. E a dor explícita da traição conjugal.



Fatos reais

O jogo começou a virar em 1997, quando pela primeira vez os números da doença entre os heterossexuais ultrapassaram as notificações entre homossexuais e usuários de droga injetáveis.

Um levantamento sobre a doença, recém-concluído pelo Ministério da Saúde, revelou que a situação se agrava entre os heterossexuais. Em 1985, havia 25 homens infectados para cada mulher portadora do vírus. Hoje há dois homens para cada mulher. Em 229 cidades brasileiras, a proporção se inverteu: há duas mulheres para cada homem soro-positivo.

A maioria delas foi contaminadas pelos maridos, namorados ou companheiros de longa data. Homens que contraíram o vírus em relações fora do casamento.

Vitória, 36 anos, funcionária de uma multinacional em São Paulo, estava casada com o comerciante Pedro, havia dez anos, quando descobriu que ele tinha outra. "Ele chegava tarde em casa, dizendo que estava com os amigos. Eu confiava nele", diz ela. Ao confirmar a traição, Vitória exigiu que o marido deixasse a casa, mas ele pediu para ficar. Ela estava grávida e Pedro queria esperar o nascimento do bebê. Foi nessa época que ele adoeceu e, em alguns meses, depois de muitos exames, descobriu que tinha Aids. "Senti muito medo em fazer o exame de HIV, por minha vida e pelo meu filho. Fui obrigada a fazer em função da proteção do meu filho que estava para nascer. Lá estava o resultado: soro-positivo.

Sofri muito, passei a gravidez com alto grau de depressão".

No entanto o bebê nasceu saudável. O Pedro morreu um ano depois e Vitória está bem graças ao coquetel de 21 comprimidos que toma diariamente.

A paulistana Nair Moraes, 30 anos, nunca pôs a mão no fogo pelo marido, Alcir, de 31 anos. Nem por isso desconfiou que nas escapadas, seu marido tinha contraído o HIV. "Ele era um conquistador, mas dizia que essa fase de sua vida pertencia ao passado", conta Nair. Depois de algum tempo Nair começou a perder peso, adoeceu, fez o exame. Deu positivo. Estavam juntos há dez anos. Ambos estão condenados. Ele diz: "Me sinto culpado por ter traído, mas não por ter passado o HIV. Eu não sabia".

Histórias como a de Nair e Alcir são o grande nó na luta contra o avanço da Aids hoje. A maioria das mulheres casadas acha que está fora do alcance da doença.

- *Você já discutiu alguma vez com seu cônjuge sobre esse assunto?*
- *O que leva o esposo ou a esposa a buscar relações extra-conjugais?*
- *Como deve sentir alguém que transmitiu a doença a outra pessoa?*
- *Será que as mulheres também têm transmitido Aids a seus esposos?*
- *Sugerimos a leitura de Mateus 7, 24-27.*

Junte-se a isso a dificuldade de alguns casais de lidar com a sexualidade e está pronto o cenário em que a doença se espalha praticamente sem controle. Muitos casais acreditam que sexo se faz, não se discute. Poucos conversam sobre prazer. Quanto mais sobre doenças sexualmente transmissíveis.

Alertar os casais é muito mais delicado. Envolve questões dolorosas, como a infidelidade dos parceiros, o que para muitas mulheres, pode ser tão penoso quanto saber que são portadoras do vírus da Aids. A presença do HIV no organismo deixa claro que o casamento não ia tão bem quanto imaginavam. Valores como confiança e amor estremecem. Agora é uma questão de vida ou morte. O desejo de Deus pela fidelidade conjugal alinhado ao problema da Aids, obriga os casais a serem mais honestos.

*Membros do MFC de Eunápolis, BA

João XXIII. Pouco antes de morrer, em 1963, já em curso o Concílio Vaticano II que convocou, o bondoso papa Roncalli, que revolucionou a Igreja, explicou aos que se sentiam aflitos com as mudanças que já surgiam: "O Evangelho não mudou. Nós é que começamos a entendê-lo melhor".

Madre Tereza de Calcutá

Mesmo assim...

As pessoas são irracionais, ilógicas e egocêntricas. Ame-as MESMO ASSIM.

Se você tem sucesso em suas realizações, ganhará falsos amigos e verdadeiros inimigos. Tenha sucesso MESMO ASSIM.

O bem que você faz será esquecido amanhã. Faça o bem MESMO ASSIM.

A honestidade e a franqueza o tornam vulnerável. Seja honesto MESMO ASSIM.

Aquilo que você levou anos para construir, pode ser destruído de um dia para o outro. Construa MESMO ASSIM.

Os pobres têm verdadeiramente necessidade de ajuda, mas alguns deles podem atacá-lo se você os ajudar. Ajude-os MESMO ASSIM.

Se você der ao mundo e aos outros o melhor de si mesmo, você corre o risco de se machucar. Dê o que você tem de melhor MESMO ASSIM.



Os cientistas deram o passo fundamental para decifrar o código da vida. O genoma humano foi mapeado.

A arte de brincar com Deus

Pe. Marcelo Barros, OSB *

Alguém comentou: "Agora sabemos falar a língua com a qual Deus criou".

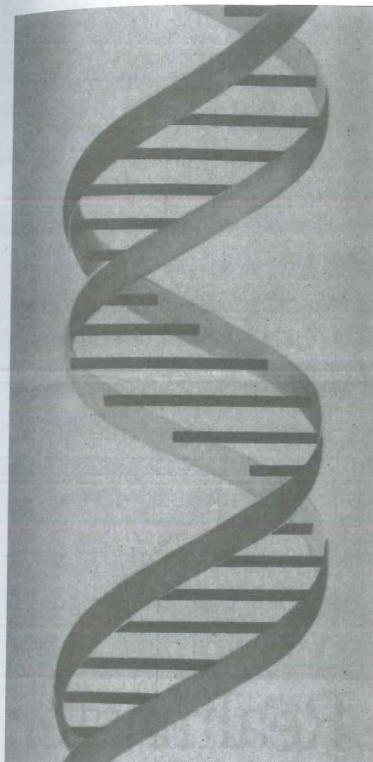
Outro perguntou: "Estamos brincando de deus?" A Bíblia canta: "Tu o fizeste pouco menos do que um deus. Deste-lhe glória e poder e sobre as obras de tuas mãos o puseste" (SI 8, 6-7).

Quinze anos mais cedo do que o previsto, a ciência completou a primeira etapa da seqüência do genoma humano. Agora pode-se decifrar, um por um, os 3 bilhões de elos básicos do nosso patrimônio genético, encadeados ao longo de nossos 23 cromossomas. A partir disso, a humanidade irá ao essencial:

estudar as dezenas de milhares de genes contidos neste ADN. Eles formam a memória biológica da espécie humana e as bases da medicina do futuro. Foi uma vitória da pesquisa feita por 18 países durante 10 anos e custou 3 bilhões de dólares (Cf. *Le Monde*, hebd. 01/07/2000, p.6).

Esta descoberta permitirá à humanidade superar doenças e alcançar uma vida sadia. É passo mais importante do que a invenção da roda, do avião ou do computador. Para as gerações futuras, esse fato encerrará uma época e abrirá nova etapa da história. Em São Paulo, um projeto já isolou alguns genes, cujo controle permitirá a vitória sobre vários tipos de câncer.

Hoje, durante a gravidez, os pais podem saber o sexo da criança e sua saúde. Amanhã, pai e mãe poderão tornar-se "arquitetos" de seus filhos, modificando características como a cor da pele, a altura do corpo ou a



predisposição para a arte ou esporte. Os animais transmitem a seus descendentes diversas características. Os humanos herdam dos pais elementos de raça e etnia. Infelizmente, esses dotes não são iguais. Dependendo da cor da pele, da forma dos lábios e da textura dos cabelos, a criança nasce pobre ou rica, bem aceita ou excluída. Desde que a inseminação artificial se tornou comum, alguns astros de cinema se vendem por preços altos para gerar filhos em mulheres ricas que desejam crianças com os olhos de tal cor.

Revistas publicam ofertas para quem quer que seus filhos tenham o rosto parecido com tal

galã ou as pernas semelhantes às de tal atriz.

O nazismo defendia uma raça superior e matou milhões de seres humanos. Os conquistadores da América e África, convencidos da sua superioridade racial, dizimaram povos inteiros. É importante que as atuais descobertas não reforcem o racismo, exclusões e injustiças. A vida humana não pode depender do comércio, ou ser propriedade de uma empresa.

No Brasil, temos ainda que vencer o monstro da fome e organizar uma sociedade menos injusta e mais capaz de partilha. De que adianta vencer doenças sofisticadas, se a maioria da população ainda é vítima da desnutrição e da injustiça?

Quanto mais a humanidade progredir em conhecimentos, mais Deus fica feliz. A parábola conta que, um dia, um homem conseguiu realizar o seu sonho: conhecer o céu. Abriu a porta e foi entrando. Achou tudo muito bonito e livre. Foi entrando, aposento por aposento, cada um mais belo do que o outro. Até que, abriu uma porta: era a sala de Deus. Estava vazia. Ele entrou e sentou-se na própria cadeira do Senhor. Num piscar de olhos, o mundo inteiro apareceu transparente a seus olhos. Ele pôde ver tudo o que acontecia. Sempre suspeitara que, na firma, o auxiliar o roubava. Olhou-o da cadeira de Deus e confirmou: o homem era desonesto. Roubou a vida inteira.

Sentiu tal raiva que pensou em jogar um raio sobre a cabeça do infeliz.

Naquele instante, na porta lhe aparece alguém que lhe diz: - Você pode sentar-se na cadeira de Deus, contanto que ponha os

óculos dele para olhar o mundo como Deus olha.

Pe. Marcelo Barros, OSB, Prior do Mosteiro da Anunciação do Senhor - Goiás - GO
e-mail: mostanun@uol.com.br

SAÚDE

Procuradores da justiça são os novos heróis. Traficantes, ladrões de dinheiro público, lalaus, políticos desonestos, gente graúda que sempre deu golpes sem ser incomodada, estão todos sob a mira certeira e corajosa desses jovens procuradores. Alguns parecem loucos, pela garra com que perseguem ladrões poderosos. As prisões começam a ser freqüentadas por colarinhos brancos. Para atender ao aumento da demanda de investigações e processos, estão sendo contratados mais 300 procuradores, por concurso público, com salários iguais aos dos deputados e senadores... para que não caiam em tentação.

Princípios éticos de ladrões. Ronald Biggs é aquele famoso ladrão inglês do assalto ao trem pagador que fugiu com milhões de libras para o Brasil, onde vive há quase 40 anos, livre do alcance da justiça britânica. Uma procuradora brasileira que persegue a quadrilha do rombo de 169 milhões do TRT-SP, comparou aquele ex-senador cassado, sócio do juiz Lalau, com o ladrão inglês. Biggs ficou ofendido com a comparação e anunciou que vai processar a procuradora por injúria e difamação. "Nunca roubei dinheiro público", diz irado o velho ladrão.

"Democracia é quando eu mando em você, ditadura é quando você manda em mim."
Millôr Fernandes.

Quem destes aqui embaixo sabe escolher melhor suas leituras?



32

Você tem diabetes?

SE HÁ SINTOMAS, PROCURE O POSTO DE SAÚDE OU SEU MÉDICO

PRINCIPAIS SINTOMAS



Muita cãibras

Tendo muita sede

Urinando muito



Desânimo, fraqueza e cansaço

Perda de peso, sem motivo

FATORES DE RISCO



Hereditariedade,
ou seja, presença de
diabéticos na família.

Obesidade,
ou seja, pessoas que
têm excesso de peso.

Sedentarismo,
ou seja, pessoas que têm
pouca atividade física.

33

Durante debate recente, nos Estados Unidos, fui questionado sobre o que pensava da internacionalização da Amazônia. O jovem introduziu sua pergunta dizendo que esperava a resposta de um humanista e não de um brasileiro.

O mundo para todos

Cristovam Buarque*

Foi a primeira vez que um debatedor determinou a ótica humanista como ponto de partida para uma resposta minha. De fato, como brasileiro eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso.

Respondi que, como humanista, sentindo o risco da degradação ambiental que sofre a Amazônia, podia imaginar a sua internacionalização, como também de tudo o mais que tem importância para a Humanidade.

Se a Amazônia, sob uma ótica humanista, deve ser internacionalizada,

internationalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem-estar da humanidade quanto a Amazônia para o nosso futuro. Apesar disso, os donos das reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não o seu preço. Os ricos do mundo, acham que têm o direito de queimar esse imenso patrimônio da Humanidade.

Da mesma forma, o capital financeiro dos países ricos deveria ser internacionalizado. Se a Amazônia é uma reserva para todos os seres humanos, ela não pode ser queimada pela vontade de um dono, ou de um país. Queimar a Amazônia é tão grave quanto o

desemprego provocado pelas decisões arbitrárias dos especuladores globais. Não podemos deixar que as reservas financeiras sirvam para queimar países inteiros na volúpia da especulação.

Antes mesmo da Amazônia, eu gostaria de ver a internacionalização de todos os grandes museus do mundo. O Louvre não deve pertencer apenas à França. Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano. Não se pode deixar esse patrimônio cultural, como o patrimônio natural amazônico, seja manipulado e destruído pelo gosto de um proprietário ou de um país. Não faz muito, um milionário japonês, decidiu enterrar com ele um quadro de um grande mestre. Antes disso, aquele quadro deveria ter sido internacionalizado.

Durante o encontro em que recebi a pergunta, as Nações Unidas reuniam o Fórum do Milênio, mas alguns presidentes de países tiveram dificuldades em comparecer por constrangimentos na fronteira dos EUA. Por isso, eu disse que Nova Iorque, como sede das Nações Unidas, deveria ser internacionalizada. Pelo menos Manhattan deveria pertencer a toda a Humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história do mundo, deveria pertencer ao mundo inteiro. Se os

EUA querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA.

Até porque eles já demonstraram que são capazes de usar essas armas, provocando uma destruição milhares de vezes maior do que as lamentáveis queimadas feitas nas florestas do Brasil.

Nos seus debates, os candidatos à presidência dos EUA defenderam a idéia de internacionalizar as reservas florestais do mundo em troca da dívida. Comecemos usando essa dívida para garantir que cada criança do mundo tenha possibilidade de ir à escola. Internationalizemos as crianças tratando-as, todas elas, não importando o país onde nasceram, como patrimônio que merece cuidados do mundo inteiro. Ainda mais do que merece a Amazônia. Quando os dirigentes tratarem as crianças pobres do mundo como um patrimônio da Humanidade, eles não deixarão que elas trabalhem quando deveriam estudar; que morram quando deveriam viver. Como humanista, aceito defender a internacionalização do mundo. Mas, enquanto o mundo me tratar como brasileiro, lutarei para que a Amazônia seja nossa. Só nossa.

Professor da Universidade de Brasília, ex-governador do Distrito Federal, escritor, autor do livro "A Cortina de Ouro".

Numa cultura tão machista quanto a nossa, convém ressaltar as mulheres presentes na vida de Jesus e os desafios de sua postura para nós, hoje.

Jesus e as mulheres

Frei Betto*

O evangelista Mateus aponta, na árvore genealógica de Jesus, cinco mulheres: Tamar, Raab, Rute e Maria; e, de modo implícito, a mãe de Salomão, aquela "que foi mulher de Urias". Não é bem uma ascendência da qual um de nós haveria de se orgulhar.

Viúva, Tamar disfarçou-se de prostituta para seduzir o sogro e gerar um filho do mesmo sangue de seu falecido marido. Raab era prostituta em Jericó, onde favoreceu a tomada da cidade pelos israelitas. Rute, bisavó de Davi, era moabi-ta, ou seja, uma pagã aos olhos dos hebreus. A "que foi mulher de Urias", Betsabéia, foi seduzida por Davi enquanto o marido dela guerreava.

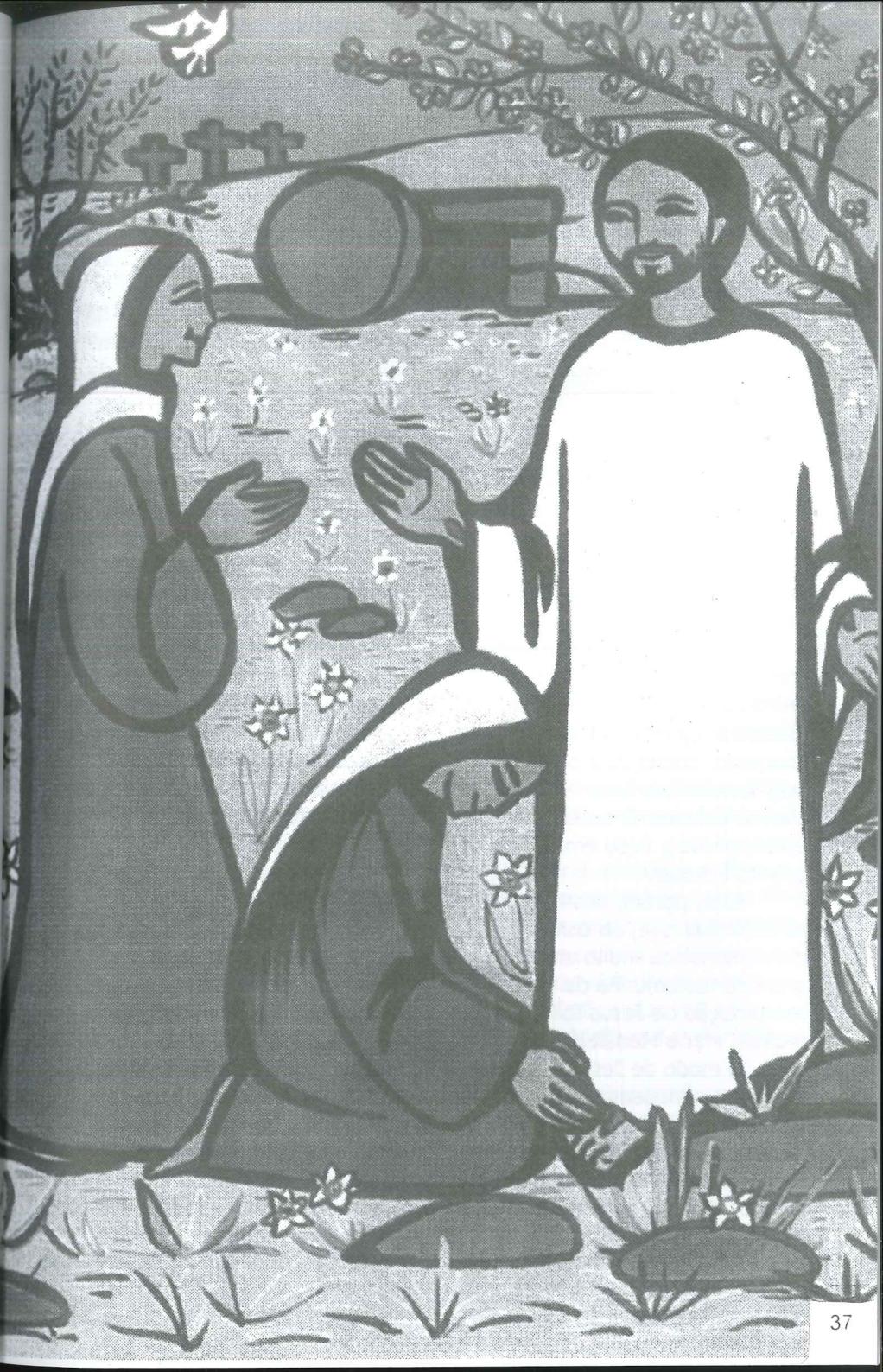
E Maria era a mãe de Jesus, que também não escapou das suspeitas alheias, pois apareceu grávida antes mesmo de se casar com José. Como se nota, Deus entra na história humana pela porta dos fundos. Em sua atividade pública, Jesus se fez acompanhar pelos Doze e por algumas mulheres: Maria Madalena, Joana, mulher de Cuza, o procurador de

Herodes, Susana e várias outras. Portanto, o grupo de discípulos de Jesus não era propriamente machista. Além disso, Jesus freqüentava, em Betânia, a casa de suas amigas Marta e Maria, irmãs de Lázaro.

Os evangelhos registram vários encontros de Jesus com mulheres. O mais intrigante deles é o seu diálogo com a samaritana à beira do poço de Jacó. Jesus sabia que ela já havia tido seis maridos. Nem por isso lhe fez um sermão sobre a fidelidade matrimonial ou as penas reservadas a quem se entrega à rotatividade conjugal. Jesus viu mais fundo. Percebeu que a samaritana buscava, sedenta, o amor em espírito e verdade.

Por isso, concedeu-lhe a graça de ser a primeira pessoa a quem se revelou como Messias. Só Deus, que é amor, seria capaz de saciar aquele coração peregrino.

O primeiro milagre de Jesus foi para atender ao pedido de uma mulher, Maria sua mãe, preocupada com a falta de vinho numa festa de casamento em Caná. Jesus curou várias mulheres, como a aleijada da



sinagoga; a filha de Jairo; a que, há doze anos, sofria de hemorragia; a filha da cananéia que deu testemunho de profunda fé, etc.

Jesus curou também a sogra de Pedro. Portanto, Pedro, escolhido por Jesus para ser o primeiro papa, era casado, o que tira a força do argumento de quem defende, por razões bíblicas, o celibato obrigatório e o impedimento de acesso de mulheres ao sacerdócio e ao episcopado.

E nem se pode alegar que, ao seguir Jesus, Pedro teria abandonado para sempre sua mulher, uma vez que a cura da sogra denuncia o retorno dele e de Jesus à casa da família, em Cafarnaum.

Certa ocasião, Jesus tinha ido comer em casa de um fariseu. Entrou uma mulher da cidade, uma pecadora, ajoelhou-se a seus pés e, chorando, começou a beijá-los, ungí-los com perfume e enxugá-los com os cabelos. O anfitrião, escandalizado, ficou em dúvida quanto a Jesus.

Este, porém, desmascarou-o, ao sublinhar que, ao contrário dele, ela demonstrou muito amor. A primeira testemunha da ressurreição de Jesus foi uma mulher, Maria Madalena.

O modo de Jesus tratar as mulheres nem sempre coincide com o da Igreja católica, na qual elas são impedidas de acesso ao sacerdócio. Desconfio de que certos clérigos têm, da mulher, uma visão pornográfica.

O mais preocupante, porém, é ainda a Igreja considerar, no casamento, a procriação como objetivo superior à comunhão de amor. As pessoas não se unem para ter filhos, mas por amor. Fosse o contrário, deveria ser considerado nulo o matrimônio de um casal estéril.

O que se pode esperar de filhos, cujos pais não se amam? Não devemos nos aproximar de Deus para evitar as penas do Inferno ou obter a salvação. Mas por amor, sobretudo aos nossos semelhantes - imagens vivas de Deus. Não há experiência humana tão feliz e plena quanto a do místico que vive em estado de paixão pela Trindade.

Não há um só caso nos evangelhos em que Jesus tenha repudiado uma mulher, como fez com Herodes Antipas, ou proferido maldições sobre elas, como fez com os escribas e fariseus. Com elas mostrava-se misericordioso, acolhedor, afetuoso e exaltava-lhes a fé e o amor.

É chegada a hora de a Igreja assumir o seu lado feminino e abrir todos os seus ministérios às mulheres. Afinal, metade da humanidade é mulher. E a outra metade, filha de mulher.

É preciso assumir, sem reservas, que a luta pela dignidade da mulher é parte da luta maior contra toda forma de exploração, violência e exclusão. E a violência contra a mulher pode ser classificada como sexual, profissional, política e religiosa. Em todos estes tipos de violência, estão

presentes a agressão física e psicológica. É o que ocorre, por exemplo, com a violência doméstica.

O resgate da dignidade da mulher está acontecendo a partir das lutas das mulheres em todas as partes do mundo. Todavia, a realidade tem mostrado que a construção da dignidade humana, na igualdade do masculino e

feminino, não pode ser algo feito apenas pelas mulheres, pois está é uma tarefa da humanidade como um todo.

O compromisso de eliminar a discriminação da qual a mulher tem sido objeto é algo a ser assumido por toda a sociedade e também pelas Igrejas cristãs.

*Frade dominicano, escritor.

A riqueza da diversidade.

Contam que numa carpintaria houve uma vez uma estranha assembléia. Foi uma reunião de ferramentas para acertarem suas diferenças.

Um martelo assumiu a presidência, mas os participantes o obrigaram a renunciar. Fazia barulho demais e passava todo o tempo golpeando. O martelo aceitou sua culpa, mas pediu que também fosse expulso o parafuso, dizendo que ele dava muitas voltas para conseguir fazer alguma coisa.

Diante da crítica, o parafuso concordou, mas por sua vez, pediu a expulsão da lixa: era muito áspera no tratamento com os demais, sempre em atrito com todos.

A lixa acatou, com a condição de que se expulsasse o trena, que sempre media os outros, segundo a sua medida, como se fosse o único juiz do que é certo.

Nesse momento, entrou o carpinteiro, juntou o martelo, a lixa, a trena e o parafuso. Finalmente a madeira converteu-se numa fina mesa. Quando a carpintaria ficou novamente vazia, a assembléia retomou a discussão. Foi então que o serrote tomou a palavra e disse: "Colegas, ficou demonstrado que temos defeitos, mas o carpinteiro só trabalha com as nossas qualidades. Assim, não vamos ficar malhando nossos pontos fracos. Melhor é valorizar nossos talentos.

A assembléia entendeu que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para afinar asperezas e a trena era precisa e exata. Sentiram-se então como uma equipe capaz de produzir peças de qualidade. E celebraram a alegria de trabalharem juntos.

Entre fé e política há uma relação dialética: a fé ajuda a viver e agir politicamente e a atuação política ajuda a viver a fé de outra maneira. Na medida que aumenta a consciência de classe, muda o jeito de ver Deus, de louvar a Deus, de ler a Bíblia.

Espiritualidade e política

Yulo Oiticica

Espiritualidade - Amor - Homem Novo

Para falar de espiritualidade é preciso falar do amor espiritual, revestido de Deus. É preciso falar do homem novo que este amor é capaz de gerar. O "homem novo" é o homem desprovido do egoísmo, que quer viver em função dos outros, para servir aos outros. É o "homem socialista", é o homem envolvido por uma espiritualidade comunitária, repleto de amor, um amor social. O amor cristão é abstrato se não se faz história concreta. Por isso é necessária a superação da privatização do amor. Amor a todos os homens não quer dizer evitar confrontações, não é manter uma harmonia fictícia.

O mandato do amor não pode ser dissociado da luta de classe. Trata-se de um amor dinâmico e transformador que descobre a tarefa de criar um novo

homem, não em sentido meramente individual, mas comunitário. Isto não pode significar neutralidade, mas opção em favor daqueles que defendem os interesses de uma humanidade que clama por libertação.

É possível amar a todos, mas não é possível amar a todos do mesmo modo. Ama-se os oprimidos libertando-os, ama-se os opressores combatendo-os, ama-se uns libertando-os da miséria e amase outros libertando-os do pecado. Tolerar os opressores é compartilhar com eles a responsabilidade de seu pecado. Lutar contra estes homens e estruturas injustas não é só um dever ético e sim religioso.

"O amor é revolucionário, o ódio é reacionário", afirma o poeta Ernesto Cardenal. Isto resume o

por quê dos cristãos comprometidos. O amor nada tem de fraqueza ou conformismo, pelo contrário: é entrega, sacrifício, dureza, decisão, perseverança. Este deve ser o amor que move a nossa espiritualidade e a ação política.

O verdadeiro cristão revolucionário é inimigo da violência, é pacífico no sentido de querer a vida e não a morte. "A nossa prática política deve ser conduzida por grandes sentimentos de amor".

A fé, como tal, na qual a espiritualidade é fundamental, não é a crença num sistema de idéias reveladas do além, mas atitude de esperança e compromisso com o Reino de Deus. Na história, a fé, vista assim, implica uma práxis de libertação histórica e política.

A salvação é um processo de libertação que se dá na história tal como existe, na qual é essencial a libertação econômica, social e política, como infra-estrutura para a erradicação do pecado do homem e criação do homem novo.

Jesus Cristo nunca separou espiritualidade e política. Nele coexistiam as duas místicas, que são como os dois lados do único mandamento: "não é possível amar a Deus que não vemos, sem amar o irmão que sofre ali perto."

Quando os sofredores são milhões, o amor maior é político, pois visa a quebrar as injustiças, discriminações e dar a vida para reunir os que estão dispersos. Esse foi o exemplo que Jesus nos deixou.



A nova evangelização precisa de cristãos fortes espiritualmente, para agir politicamente com várias estratégias, para que possamos ser sinal de transformação.

Precisamos promover a revolução espiritual, acabar com as duas faces: as dos "puros" (que rezam) e dos "impuros" (que só agitam).

A palavra de Deus, que inspirou tantas mudanças sociais e políticas nos primórdios da igreja, precisa conservar a sua força libertadora, sendo assim fiel às orientações de Jesus, que rejeitava toda forma de opressão. A igreja tem o papel desafiador de buscar outras alternativas do tipo verdadeiramente "socialista" e cooperar com a elaboração de uma nova ordem econômica mundial.

Jesus em sua vida tinha uma preocupação central: revelar o amor libertador do Pai a toda pessoa, inaugurando assim um Reino de justiça entre todos os seres humanos. Neste sentido

Jesus não procurou criar um novo partido, mas sim um movimento aberto a todos, onde os excluídos fossem os protagonistas.

Jesus escolheu a massa sofredora para tocar seu movimento, que foram os discípulos. "Ele se opôs várias vezes ao poder arbitrário dos Juizes" (Lc 12,58).

Os profetas foram grandes homens políticos, com uma espiritualidade voltada para o compromisso social. Anunciavam um Reino de paz. Mas a paz supõe, o estabelecimento da justiça "O produto da justiça é e será a paz, e só a equidade social perpetuará essa paz." (Is 32,17).

Paz, justiça, amor, liberdade não são realidades intimistas, não são apenas atitudes interiores: são realidades sociais. Uma espiritualidade mal entendida, faz-nos compactuar com o sistema opressor. "Reino e injustiça social são incompatíveis" (Is 29, 18-19), a luta pela justiça é a luta pelo Reino de Deus.

É necessário que os cristãos não se fechem em seus grupos, mas que convivam e lutem juntos

com aqueles que também buscam esta libertação. A nossa fé perde importância se esta passa a ser privada e não comunitária.

Precisamos trocar o nosso cristianismo burguês por uma fé libertadora. Neste sentido precisamos purificar a nossa fé, transformando-a assim em ação política concreta.

Nossa fé não nos leva a crer num Deus isolado, mas num Deus político, que convive entre os homens, que está inserido na convivência humana. Quando Jesus procura exprimir quem é Deus e o seu projeto, a imagem que usa é a de Reino de Deus.

Anuncia Deus falando de um Reino, que vem a nós: "chega o Reino de Deus", "vem o Reino de Deus". O conceito de Reino é um conceito político: Jesus revela Deus através de uma imagem política, que é a do Reino, o reino como convivência humana. Crer em Deus é crer no Reino de Deus, e por isso é crer nas lutas sociais que trazem este Reino para perto de nós.

Isto é o central e resume o evangelho: fé e luta sempre.

Alerta! Querem amputar o Brasil!

Houve na imprensa uma denúncia gravíssima de uma brasileira residente nos EUA: já existem livros de geografia por lá mostrando o mapa do Brasil "amputado", sem a Amazônia e o Pantanal. Andam ensinando em escolas que essas áreas são internacionais... ou seja, devem estar preparando a opinião pública deles para dentro de alguns anos tentarem internacionalizar essa parte do nosso território "com legitimidade". Temos que exigir uma apuração e, se confirmada, protestar contra esta afronta.

Os mistérios do reino animal podem apontar caminhos para os humanos.



A águia é a ave da sua espécie que vive mais tempo. Chega a viver 70 anos. Mas, para chegar a essa idade, aos 40 anos ela tem que tomar um séria e difícil decisão. Aos 40 anos, ela está com as unhas compridas e flexíveis, não conseguindo mais agarrar as suas presas das quais se alimenta. O bico, alongado e pontiagudo, se curva. Apontando contra o peito estão as asas, envelhecidas e pesadas em função da grossura das penas, e voar já é muito difícil.

Então, a águia só tem duas alternativas: morrer, ou enfrentar um doloroso processo de renovação

que irá durar 150 dias. Esse processo consiste em voar, para o alto de uma montanha e se recolher em um ninho próximo a um paredão, onde ela não necessite voar. Então, após encontrar esse lugar, a águia começa a bater com o bico em uma parede até conseguir arrancá-lo. Após arrancá-lo, espera nascer um novo bico, com o qual vai depois arrancar suas unhas. Quando as novas unhas começam a nascer, ela passa a arrancar as velhas penas. E só após cinco meses, sai para o famoso vôo de renovação. E para viver então mais 30 anos.

- *Esse esforço de renovação doloroso mas gratificante de uma ave tem algo que ver com desejos e tentativas em nossas vidas?*
- *As profundas e rápidas mudanças que ocorrem no mundo têm sido desafios para renovação e atualização de valores humanos, sociais, religiosos. Como vemos essas mudanças? Positivas, negativas?*
- *Nossa fé em confronto enriquecedor com as ciências tem exigido renovação em nossas práticas e aprofundamento em nossas crenças. Concordamos? Se a resposta é sim, dar exemplos.*

A Campanha da Fraternidade não termina com a Quaresma. O tema de 2001 alerta para um terrível problema que exige atitudes e tarefas permanentes e diárias, ano após ano.

DROGAS por quê?

Pedro A. Ribeiro de Oliveira*

A Campanha da Fraternidade de 2001 "Vida sim, drogas não" discutiu o grave problema das drogas a partir da contradição entre nosso sonho de vida plena, prazerosa, harmoniosa e a dura realidade cotidiana marcada pela competição de todos contra todos. Ao recorrer às drogas (aí considerados todos os psicotrópicos, inclusive o tabaco e o álcool) para aliviar as tensões do cotidiano, porém, muita gente transforma seus sonhos em pesadelo. Ao provocarem dependência, as drogas tornam-se uma doença da sociedade atual, atingindo principalmente indivíduos menos protegidos ou em condições psicológicas fragilizadas.

Na medida em que aumenta o estresse cotidiano nessa selva de pedra, aumenta a demanda por uma válvula de escape, ainda que

ilusória. Aí entram em jogo as forças do mercado oferecendo diversos tipos de drogas, seja por meios lícitos farmácias, bares e supermercados, seja pelo tráfico clandestino. Mesmo sendo todos vítimas diretas ou indiretas do sistema das drogas (acidentes de trânsito envolvendo motoristas alcoolizados, doenças causadas pelo fumo, roubos e assassinatos, ação corruptora do narcotráfico em esferas do poder público), não temos conseguido reagir adequadamente e dar-lhe um combate eficaz. Por quê?

Inspirada no modelo dos EUA, a atual política visa eliminar (ou, pelo menos, reduzir) o consumo de drogas atuando a partir de dois pólos: a repressão policial à produção e ao tráfico e a dissuasão ao consumo por meio de campanhas que criem atmosfera



O alcoolismo, o vício mais difundido e desastroso, começa sempre com a frase: "...só bebo socialmente". O mesmo acontece com as outras drogas: "...experimentei só por curiosidade". De repente acontece a dependência.

cultural refratária ao seu uso. Não se pode negar o empenho do governo brasileiro nessa árdua tarefa: a Secretaria Nacional Antidrogas — Senad —, em colaboração com a Polícia Federal, não só combate o narcotráfico como produz campanhas de notável qualidade técnica e poder de persuasão. Sua eficácia, porém, tem-se revelado pequena, não reduzindo o número de usuários. Quando o remédio não produz o efeito desejado, cabe colocar em questão o diagnóstico. É o que proponho aqui: rever a própria

definição dos termos em que foi colocado o problema.

As drogas têm sido tratadas como uma praga que põe em risco a sociedade, assim como a erva de passarinho, que, não sendo arrancada a tempo, suga a seiva até matar a árvore onde germina. A imagem tem inegável valor descriptivo, mas induz ao erro fatal de considerar o sistema das drogas como um mal externo à sociedade. A lógica subjacente a essa concepção perpassa tanto a política antidrogas, que define o narcotráfico como inimigo a ser destruído (convém lembrar que a

Senad está subordinada ao Gabinete de Segurança Institucional), quanto o imaginário religioso e de senso comum, onde as drogas são demonizadas e seu combate assume a forma maniqueísta da eterna luta do bem contra o mal.

Essa mesma lógica orienta as campanhas que pintam o mundo das drogas como um quadro tão horrível que não deixa ao público-alvo outra alternativa senão conformar-se com a sua vida cotidiana. A opção é radical: ou se está do lado de cá ou do lado de lá. Mas, onde fica quem não se conforma com essa realidade de competição com suas tensões e frustrações? Onde fica quem alimenta o sonho de um mundo harmonioso, justo, prazeroso? Ensinam-lhe que o prazer das drogas é ilusório, mas a experiência de uma realidade sem graça o impulsiona a buscar o diferente, a optar pelo lado de lá, apesar dos seus riscos. Por isso o combate às drogas tornou-se uma luta sem fim, no qual as duas forças se opõem mas uma não derrota a outra. Para sair desse impasse é preciso rever aquela concepção e tratar a dependência dos psicotrópicos como um problema endógeno à sociedade de mercado.

Se convém utilizar uma metáfora, substituamos a imagem da praga pela do câncer, que se desenvolve a partir do próprio organismo vivo. O sistema das drogas nada tem de externo à sociedade estabelecida senão sua ilegitimidade.

Ele cresce e se desenvolve conforme as leis do mercado, as mesmas que regem nossa vida cotidiana. Se há demanda social desse tipo de mercadoria, por que não haveria capitais interessados na sua produção, transporte e distribuição?

O sistema das drogas é fruto do mesmo sistema de mercado, e nele as drogas circulam como qualquer mercadoria, diversificando-se conforme a moda e lançando modelos para cada faixa de poder aquisitivo.

Mas, quando as drogas quebram a capacidade de resistência de seus eventuais consumidores e os transformam em dependentes químicos, elas estão assinalando que nossa sociedade está doente e pede socorro.

É imperioso, portanto, reformular o problema das drogas no mundo de hoje. O primeiro passo é certamente recusar o diagnóstico simplista do tipo "mocinho x bandido" e reconhecer nossa ignorância diante da sua complexidade. Isso permitirá abrir horizontes para uma política antidrogas inserida na grande política de construção da sociedade democrática, justa e pacífica com que todos sonhamos. Uma política

econômica que torne nossa vida cotidiana gostosa de ser vivida, sem necessidade de amortecedores nem de estimulantes químicos.

Aceitar esse desafio e criar novos esquemas de pensamento e ação são o convite que nos faz essa Campanha da Fraternidade.

* Sociólogo, professor na Universidade Católica de Brasília e assessor da CNBB

- *O problema das drogas, alcoolismo, tabaco – é grave na nossa cidade?*
- *O que sabemos sobre esse problema? Está talvez atingindo a nossa família? Ou uma família amiga?*
- *O que podemos fazer ou estamos fazendo para colaborar na continuidade da Campanha da Fraternidade de 2001?*

ÁLCOOL E DROGAS: EM CASO DE NECESSIDADE, BUSQUE AJUDA GRATUITA DOS GRUPOS ANÔNIMOS NA INTERNET

AL-ANON: A ajuda dos familiares do alcoólico

--- <http://www.al-anon.org.br>

DEPRESSÃO: A ajuda dos neuróticos anônimos

--- <http://www.neuroticosanonimos.org.br>

ÁLCOOL: A ajuda dos alcoólicos anônimos

--- <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>

DROGAS: A ajuda dos narcóticos anônimos

--- <http://www.na.org.br>

Grileiros perdem terras roubadas. O INCRA cancelou mais de 3000 títulos de propriedade de terras griladas de norte a sul do país. Um ato de coragem, em meio a ameaças de morte. Uma longa investigação desmascarou a grilagem criminosa de 93,6 milhões de hectares de terras públicas, roubadas através de escrituras e registros de imóveis falsificados por latifundiários com a cumplicidade de advogados desonestos e funcionários de cartórios, ao longo de muitos anos. Um único proprietário de terras no Pará "possuía", com títulos falsos devidamente registrados, área de terras do tamanho da Bélgica mais a Holanda. Milhares de processos estão sendo iniciados para apuração das fraudes em cartórios. As terras retornam desde já à propriedade do governo, e poderão ser usadas para a continuidade da reforma agrária. São 936.205 km², mais de 10% do território do país!

O problema do Brasil é o egoísmo aliado à incompetência dos políticos. Não de todos, mas de um número suficientemente grande para comprometer o país.

Cidadania e fé Desordem e retrocesso

Cinquenta anos de soluções e escolhas erradas podem destruir um país. Junte a isso um código de leis que ata as mãos dos juízes e temos o retrato de um país que não progride por falta de rumo.

Já chegamos à bifurcação que leva ao futuro. Foi no tempo de Juscelino Kubitschek. Quase deu certo. Depois, escolhemos o retorno ao passado. Os partidos nos deram candidatos ruins e nós votamos em candidatos ruins. Os que eram bons não tiveram força porque seus partidos eram fracos ou cheios de vícios. O resultado é a depredação, o banditismo generalizado.

O Brasil virou carniça e os urubus e abutres disputam seus restos. Morremos. Esse país agora precisa é de ressurreição. E o que ele menos precisa é de mais um salvador da pátria. Precisa de instituições que funcionem e sejam obedecidas.

Lampião fez escola e seus alunos mudaram de tática. Depredam no poder. Ladrões profissionais se apossaram de vastos segmentos da economia e da política e não vão largar os cofres por nada neste mundo.

Morre o país, se desagrega a nação, mas os profissionais do roubo não cederão jamais. Até porque eles têm gente infiltrada em todas as juntas e articulações do país. Não fosse assim já teríamos varrido da nossa história a corrupção que teima em reaparecer na mídia a cada um ou dois meses. Quando pensávamos que já não

havia mais o que roubar ficamos sabendo de mais um desvio e mais um rombo.

O pior de tudo é que sabemos disso e nos sentimos impotentes para reagir. E nas sucessivas eleições alguns deles acabam reeleitos. Eles têm muito mais força do que os congressistas e servidores públicos sérios e honestos. A desordem pública foi institucionalizada no Brasil. E estamos chegando perto de ser definido como um país inviável economicamente porque politicamente também é inviável.

Não deixam os presidentes governar e estes não conseguem mudar o quadro. O congresso não decide em tempo, os juízes não julgam em tempo. Tudo fica para depois. Depois o povo esquece.

** Sacerdote, escritor, compositor, conferencista e professor de comunicação.*

Golpe duro no tabaco. Agora é lei: proibida a propaganda de cigarro. Antes tarde do que nunca! Até então era permitido convencer as pessoas a se envenenarem, com anúncios irresistíveis na TV e imensos "out-doors" espalhados pelas cidades. O vício, na propaganda, era associado à prática de esportes sofisticados, conquistas amorosas e sucesso social. Mas o artista "country" que durante anos representou o atraente personagem do Marlboro, morreu de câncer no pulmão. Morrem milhões de pessoas todos os anos no mundo por enfermidades relacionadas com o cigarro. O custo dos tratamentos produz rombos monumentais no sistema de saúde pública. Mas era e é muito rico e poderoso o "lobby" das quatro "irmãs", aquelas empresas multinacionais que dominam o mercado do tabaco em todo o mundo. Acabaram derrotadas. Sem propaganda, espera-se que o vício, com o tempo, perca terreno.

**TALVEZ O SEU MELHOR AMIGO NÃO CONHEÇA
fato e razão
SÓ VOCÊ PODE APRESENTAR-LHE ESTA BOA LEITURA**

Somos hoje como aquela secretaria para quem sobraram as fichas de 20 outras gestões. Temos que colocar tudo em ordem, mas falta espaço e tempo hábil. E cada dia chegam mais fichas.

O Brasil casou-se com a desordem. E os únicos que poderiam pôr ordem nisso, o poder Legislativo e o poder Judiciário, contribuem ainda mais para a desordem. Quando não estão contaminados, estão amarrados. Doparam o Brasil.

Uma dessas histórias que fazem pensar... Quem já enfrentou esse dilema sabe disso.

A bomba d'água

Contam que um certo homem estava perdido no deserto, prestes a morrer de sede. Foi quando ele chegou a uma casinha velha - uma cabana desmoronando - sem janelas, sem teto, batida pelo tempo.

O homem perambulou por ali e encontrou uma pequena sombra onde se acomodou, fugindo do calor do sol desértico. Olhando ao redor, viu uma bomba a alguns metros de distância, bem velha e enferrujada. Ele se arrastou até ali, agarrou a manivela e começou a bombar sem parar.

Nada aconteceu.

Desapontado, caiu prostrado para trás e notou que ao lado da bomba havia uma garrafa. Olhou-a, limpou-a, removendo a sujeira e o pó, e leu o seguinte recado:

"Você precisa primeiro encher a bomba com toda a água desta garrafa, meu amigo. E faça o favor de encher a garrafa outra vez antes de partir".

O homem arrancou a rolha da garrafa e, de fato, lá estava a água. A garrafa estava quase cheia de água! De repente, ele se viu em

um dilema: se bebesse aquela água poderia sobreviver, mas se despejasse toda a água na velha bomba enferrujada, talvez obtivesse água fresca, bem fria, lá no fundo do poço, toda a água que quisesse e poderia deixar a garrafa cheia para a próxima pessoa... mas talvez isso não desse certo.

Que deveria fazer? Despejar a água na velha bomba e esperar a água fresca e fria ou beber a água velha e salvar sua vida? Deveria perder toda a água que tinha na esperança daquelas instruções pouco confiáveis, escritas não se sabia quando?

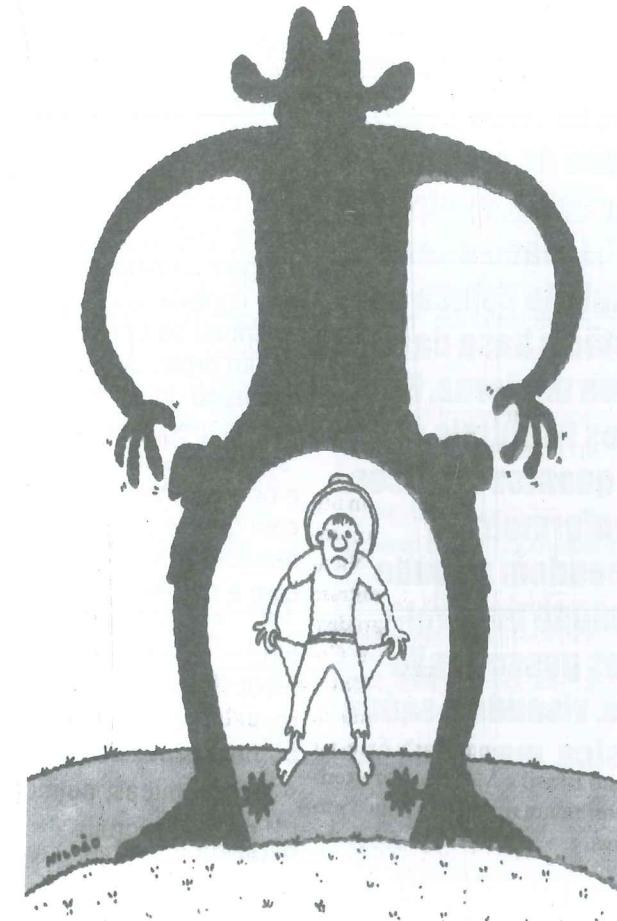
Com relutância, o homem despejou toda a água na bomba. Em seguida, agarrou a manivela e começou a bombar... e a bomba começou a chiar. E nada aconteceu! E a bomba foi rangendo e chiando. Então surgiu um fiozinho de água, depois um pequeno fluxo e, finalmente, a água jorrou com abundância!

A bomba velha e enferrujada fez jorrar muita, mas muita água fresca e cristalina. Ele encheu a garrafa e bebeu dela até se fartar.

Encheu-a outra vez para o próximo que por ali poderia passar, arrolhou-a e acrescentou uma pequena nota ao bilhete preso nela:

- Qual a "moral" desta história? O que ela nos faz pensar?
- Já estivemos diante de desafios como este? Algum exemplo pode ser lembrado? E se esse dilema se apresentar agora?

Avançam as negociações para o Acordo de Livre Comércio das Américas – ALCA. Fim das fronteiras econômicas entre os países do norte, centro e sul.



"Creia-me, funciona!
Você precisa dar toda a água que tem, antes de poder obter abundância de água de volta."

Várias tradições religiosas refletem sobre a relação entre a salvação através da fé e a cura - propostas pelos diversos ritos e cultos.

Amor & fé a serviço da saúde

Marcelo Barros*

A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu a saúde não como "ausência de doenças", mas como "um estado de completo bem-estar físico, espiritual e social". Levada a sério, esta definição coloca em questão a base da medicina moderna. Em nossos hospitais e clínicas, quantos médicos e enfermeiros compreendem a saúde deste modo integral? Onde as pessoas são atendidas, visando à saúde não só física, mas também espiritual e social?

A OMS confirma a veracidade do que, há milênios, as antigas religiões orientais ensinam: a saúde depende da paz interior, do equilíbrio entre a pessoa e o seu ambiente social e, finalmente, da relação entre o ser humano e o universo. Para os antigos egípcios, que nos legaram um profundo conhecimento dos males que atingem as pessoas, toda doença tem conexão com o *Ka*, força vital e espiritual do universo. O sofrimento de um órgão do corpo é apenas um elemento do sofrimento geral do *Ka*. Os gregos ensinavam que a "simpatia" entre as partes do corpo e os elementos da natureza fará com que se possa encontrar remédio para tudo. Basta colaborar com a natureza.

A ciência das antigas religiões hindus e do budismo, presente na medicina *ayurvédica*, hoje revalorizada por tantos grupos ocidentais, consiste em reconduzir o espírito à serenidade e reencontrar o equilíbrio entre natureza e ser humano, entre

fatores sociais e pessoais, entre a visão espiritual universal e o sentimento no qual a pessoa se encontra encerrada.

Em um recente encontro com 170 pessoas de seis etnias indígenas diferentes, nas margens do lago Titicaca, no altiplano peruano, escutei dos Xamãs que todo ser humano tem três almas: a física, a interior e uma que nos liga ao universo. A pessoa fica doente quando "perde" uma destas almas. A cura consiste em recuperar a alma perdida.

Aparentemente, tal visão nada tem a ver com a revelação cristã. Infelizmente, o cristianismo incorporou da cultura ocidental uma visão dualista que fragmenta corpo e alma, matéria e espírito. Privilegia, assim, um racionalismo abstrato que faz da religião mais um sistema de crenças intelectuais do que um caminho de amor e integração. Entretanto, conforme os evangelhos, Jesus enviou os seus discípulos e discípulas para anunciar o Reino de Deus, curando as doenças e expulsando o mal que tomava conta das pessoas. Ele mesmo curou um paralítico, perdoando os seus pecados, para que o homem doente se sentisse integrado consigo mesmo, com Deus e com a comunidade.

No século VII, o bispo Santo Isidoro de Sevilha afirma: "A música é melodia, ritmo e métrica e este conjunto pode curar. Davi curou a loucura do rei Saul, através

da música da cítara". No século XI, Santa Hildegardis, monja beneditina, propunha a cura pelo equilíbrio da alimentação e do contato com a natureza. "O universo tem a cura para toda doença. A saúde mais profunda está escondida no fundo do coração de todo ser humano. Juntando os dois, reencontramos saúde e salvação".

Em uma sociedade que perdeu a alma e sustenta uma economia sem coração, convivemos, quase naturalmente, com a epidemia de Aids na África e com a fome e a miséria em tantos países do mundo. Isso faz de nós pessoas desintegradas no plano mais profundo do ser e cria uma humanidade doente. As pessoas buscam analistas para suas angústias nos mais diversos tipos de terapia psicológica. A sabedoria das antigas religiões nos propõem o método contrário: que sejamos mais *sintetistas*, capazes de ligar as cordas do coração humano ao coração do universo. Este caminho de saúde nos fará participar do cântico interior e único de cada ser vivo, harmonizado na grande e maravilhosa orquestra do universo, louvor entoado ao amor divino que se expressa no mistério da vida.

* Monge beneditino e autor de 24 livros, dos quais o último é "A Festa do Pastor", romance sobre o Pentecostalismo. (Ed. Rede - Goiás). Fax: 062- 372 1135. Email: mostanun@cultura.com.br

Celibato Clerical

- Uma história obscura

E. Miret Magdalena*

A notícia que acaba de ser revelada — de que parte do clero não cumpre nem respeita o celibato e ainda sai a violentar freiras e noviças — não é senão consequência da férrea lei que impede o clero latino de casar e que o impele a uma solução alternativa de fazer caso omissos de suas promessas.

Estatísticas do país das pesquisas, os Estados Unidos, revelam um mar de lama que a hierarquia católica quer silenciar. Apenas de vez em quando algum fato com potencial de escândalo vem à tona. E isso quando vem.

Um professor jesuíta da Universidade de Harvard, o padre Fischler, descobriu que 92% do clero norte-americano sugeria que os sacerdotes pudessem escolher livremente se queriam ser casados ou solteiros. Outro sacerdote e psicoterapeuta, o padre Sipe,

revelou que só 2% desse clero cumprem o celibato; 47% o fazem “relativamente”; e 31,5% vivem uma relação sexual, das quais um terço homossexuais. Diante disso, vários bispos têm solicitado que se elimine o celibato para o clero latino, já que o oriental — inclusive o ligado a Roma — não tem essa obrigação e é, normalmente, casado. Até mesmo o Concílio Vaticano II louvou o sentido espiritual do sacerdote casado do Oriente.

A história dessa exigência é obscura — passaram-se quase cinco séculos até que a igreja latina tenha exigido, definitivamente, o celibato. Até o século IV, não havia nenhuma lei que o fizesse, em nenhuma parte da cristandade. A partir daí, o celibato começa a ser considerado obrigatório em algumas áreas, mas apenas os bispos não podiam se casar — e não o clero como um todo. Ainda assim, a lei não era geral e muitos bispos não a seguiam.

No século V, cerca de 300 bispos casados participaram do Concílio de Rímini — uma cifra enorme, dados os poucos bispos que havia no mundo latino. A partir



o matrimônio era considerado válido.

Foram muitos os concílios que criticaram os costumes sexuais do clero, enquanto a prática de manter concubinas era freqüente. Por exigência dos Concílios de Maguncia e Augsburgo, o bispo de Brema foi obrigado a expulsar todas as concubinas da cidade, no século XI. Na Itália, segundo o historiador católico padre Amman, “o concubinato dos clérigos era muito amplo”. São Pedro Damiano criticou publicamente o bispo de Fiesole, que “estava rodeado de um bom número de mulheres”.

Durante o Concílio de Constança, 700 mulheres foram levadas para atender os bispos e o clero em suas demandas sexuais, como conta o historiador católico Daniel-Rops.

Por isso, até o Concílio de Trento, no século XVI, não se sanciona solenemente e de forma definitiva o celibato clerical, como recordou o próprio papa Paulo VI. Não seria então natural e humano que a Igreja de Roma suprimisse a hipocrisia do celibato, que tantos males sexuais traz como consequência, e que Roma faça caso das sensatas petições, nesse sentido, de alguns bispos, moralistas e católicos seculares?

* E. Miret Magdalena é teólogo. Publicado em *El País*, Espanha.

- *O que pensam os leigos do celibato obrigatório dos padres na Igreja Católica?*
- *O que afirmam os que concordam com a obrigatoriedade? E os que discordam? O celibato do clero poderia ser opcional?*

Castigo para quem pensar

Marcelo Barros*

Um fato antigo gera um debate atual. No recente aniversário da morte na fogueira do filósofo Giordano Bruno, condenado pela Inquisição, em 1600, esse fato é lembrado por cristãos e não cristãos e provoca reflexões. Interroga-nos sobre as intolerâncias de hoje e os mais refinados modos de destruir uma pessoa humana.

A Igreja Católica deve considerar, talvez até mais que outras igrejas, a necessidade de mudar seu modo de ser. Em alguns ambientes eclesiásticos, mudam-se linguagem e estilo, mas o espírito de intransigência e arrogância dogmática continua o mesmo. Não mais se queimam pessoas na fogueira mas, com facilidade, se destrói a honra e a dignidade de quem é visto como herege ou dissidente.

Infelizmente, assim como a Igreja, outras instituições aprenderam o mal da

prepotência. Partidos políticos, mesmo populares e de tendência socialista, nem sempre têm sido exemplos de tolerância. Em alguns casos, ganham o poder e eliminam perdedores. O mesmo círculo vicioso se repete. O modo de exercer a autoridade não muda. Como diz o livro bíblico do Eclesiastes: "Nada de novo debaixo do sol".

No ano passado, o papa João Paulo II venceu fortes resistências de alguns cardeais e pediu publicamente perdão pelos erros e pecados que alguns "filhos da Igreja" cometiam em determinados momentos da História. Gesto humilde e comovente que nos convida a continuar este processo de revisão e esclarecimento. Não basta pedir perdão por erros de alguns filhos da Igreja no passado. A Inquisição não era apenas uma instituição particular, ou promovida por um grupo católico. Era oficial. Obedecia diretamente ao próprio papa. Alguns estudiosos argumentam que, naquele tempo, tal procedimento teria sido "normal". Não! Em nenhuma época da História, pode ter sido normal, em nome de Jesus, condenar à morte e queimar vivo, alguém com quem a hierarquia eclesiástica não concordasse.

Giordano Bruno era um homem livre que nem as Igrejas, nem as ciências da época compreenderam. Ele contestava qualquer dogmatismo. Por isso, foi preso e,

durante seis anos, deu responder um processo cruel e que incluiu torturas. Aceitou renunciar a algumas de suas doutrinas e retratar-se oralmente e por escrito. Pelo fato de que não abjurou a todo o seu pensamento e não se dobrou à prepotência do tribunal, o próprio papa Clemente VIII mandou queimá-lo no Campo dei Fiori em Roma no 17 de fevereiro de 1600.

Ele foi uma das mais ilustres vítimas da Inquisição Católica. Milhares de pessoas foram por ela assassinadas. Séculos antes de que os nazistas queimassem livros judeus, a Inquisição queimou muitos exemplares do Talmud e condenou à morte cristãos suspeitos de praticarem rituais judaicos. A partir da colonização portuguesa, durante 200 anos, este tribunal eclesiástico funcionou em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e outras cidades do Brasil, condenando várias pessoas à fogueira.

Para que recordar tudo isso? Não seria melhor esquecer que, entre os inquisidores de Giordano Bruno, responsável por sua condenação, estava o cardeal Roberto Belarmino, canonizado como santo por Pio XI em 1930 e proclamado "mestre e doutor da Igreja"? Vários "santos" pregaram cruzadas e condenaram "infiéis" à morte. Isso mostra que, independentemente das boas intenções do coração, é sempre necessário reavaliar que resultado tem nossa forma de viver e agir. Disse Jesus: "pelo fruto se conhecem as árvores". Que Deus tenha santificado vários santos violentos e responsáveis de guerras e crueldade, é boa notícia para nós, pobres e triviais pecadores do dia a dia.

Condenado à morte, Giordano Bruno declarou a seus juízes: "Vocês estão com mais medo da sentença que proferiram, do que eu, que por ela serei supliciado". Na hora da morte, desviou o olhar do Crucifixo que lhe apresentaram. Quis deixar claro que não se sentia julgado por Jesus, nem reconhecia naquele tribunal alguma relação com o Cristo ou o direito de usar a sua imagem. Para Jesus, naquela situação, o verdadeiro herege era o inquisidor e qualquer pessoa que se deixava guiar pela intolerância e pelo dogmatismo. Jesus ensina que nenhuma verdade pode ser afirmada ou defendida, a preço de uma vida humana. O Evangelho conta a prática de Jesus: "se é preciso que alguém morra para afirmar esta verdade, que este alguém seja eu e mais ninguém".

Não tenhamos vergonha de reconhecer os erros da Igreja e de trabalhar por uma democracia mais verdadeira e profunda nas instituições civis, partidos políticos e organizações populares. Dom Hélder Câmara dizia:

"Se discordas de mim, me enriqueces. Se buscas a verdade e tentas encontrá-la como podes, ganharei, tendo a honestidade e a modéstia de completar o meu pensamento com o teu, corrigir enganos e aprofundar a visão"...

("O deserto é fértil").

* Monge beneditino, escritor.

"A verdade nunca é injusta. Pode magoar mas não deixa ferida".
(Eduardo Girão).

Fé, política e socialismo

Frei Betto, OP*

Vinculado à Teologia da Libertação, o Movimento Fé e Política surgiu nos anos 80. Visa a congregar cristãos engajados em política, tanto partidária quanto a que se desenvolve por meio dos movimentos sociais. Ecumênico e apartidário, o movimento centra-se na opção preferencial pelos pobres e abre-se ao horizonte de uma sociedade socialista.

Pobres há em demasia. Socialistas escasseiam. O Muro de Berlim desabou também sobre a cabeça de militantes e intelectuais de esquerda. Sobraram os que não fizeram do marxismo uma religião secular, dotada de "dogmas de fé", como o materialismo histórico, e de uma curia responsável pela ortodoxia, como o birô político.

A cabeça pensa onde os pés pisam. Só aqueles que mantinham seus pés no mundo dos pobres perduraram em suas convicções. Mesmo porque a exclusão se agravou nos últimos anos: 4 bilhões de seres humanos, dentre os 6

bilhões que povoam a Terra, sobrevivem entre a miséria e a pobreza.

O capitalismo impera de tal modo que nem sequer necessita da máscara demagógica dos projetos desenvolvimentistas. Já não há o risco de uma nação pobre cair na órbita socialista. O cinismo da declaração de Stevenson, economista dos EUA, resume a lógica neoliberal: "A guerra contra a pobreza acabou. E os pobres perderam."

A fé cristã centra-se no direito do pobre. Registra a primeira página da Bíblia que Deus nos criou para viver num paraíso. Se tal não acontece é porque criamos estruturas políticas que asseguram riqueza a uns poucos e carência à maioria.

Os pobres não são necessariamente bons e santos. Como acontece em todas as esferas sociais, há entre os pobres ladrões, corruptos, assassinos, etc. A centralidade evangélica no pobre decorre do fato de a vida ser o dom maior de Deus. Todo pobre é uma

pessoa involuntariamente privada de acesso a bens essenciais. Ninguém gosta de ser pobre. Vide a porta das loterias.

Obras assistenciais são importantes para minorar a dor dos pobres. Mas só alterando as causas da pobreza - como a dívida externa, o latifúndio, a concentração de renda - se erradica a exclusão social. Por isso, o evento de Fé e Política quer debater com quem tem experiência de mobilizar a parcela mais sofrida de nossa população.

O socialismo fracassou no Leste Europeu, após 70 anos. O capitalismo, após 200, ainda não livrou a maioria da humanidade do espectro da fome. Ao contrário, fundado na idolatria do dinheiro, promoveu uma abissal desigualdade.

Dos US\$ 25 trilhões do PIB mundial, US\$ 18 trilhões encontram-se em mãos das nações do G-7 (Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Itália, França, Alemanha e Japão) - US\$ 10 trilhões fazem o PIB dos Estados Unidos. Os restantes US\$ 7 trilhões devem ser

divididos entre mais de 180 nações do mundo.

Na América Latina, o socialismo de Cuba causa vergonha aos demais países, pois assegura a 11 milhões de habitantes alimentação básica, saúde e educação, sem que haja no país uma só criança de rua ou família morando debaixo da ponte. No Brasil, de cada 1.000 crianças nascidas vivas, 36 morrem antes de completarem o primeiro ano de vida. Em Cuba, o índice é de 7/1.000, igual ao dos Estados Unidos. E, nas Olimpíadas de Sidney, Cuba ganhou 11 medalhas de ouro, uma por cada milhão de habitantes, recorde sem paralelo.

Tudo isso sob o criminoso bloqueio americano, acrescido da ocupação da base naval de Guantánamo e da silenciosa cumplicidade dos governos ditos democráticos. Aliás, por falar em democracia, acaba de ruir o paradigma norte-americano. A eterna bicandidatura, os US\$ 5 bilhões gastos em propaganda eleitoral, a fraude na Flórida revelam que a propalada liberdade americana se resume na frase de Henry Ford a respeito dos carros fabricados por ele nos anos 20: "O consumidor tem todo o direito de escolher o Ford T da cor que desejar. Desde que seja preto."

* Frei Betto, dominicano, escritor e diretor da revista latino-americana *America Libre*, é autor, em parceria com Leandro Konder, de *O Indivíduo no Socialismo* (Fundação Perseu Abramo).

Vamos nos deter um momento sobre a oração que o Mestre de Nazaré deixou para seus discípulos e discípulas, e que recebeu compreensões e formulações diferenciadas no seio das comunidades de Mateus e de Lucas.

A oração do Senhor e o jubileu

Pedro Lima Vasconcellos e Rafael Rodrigues da Silva*

Na oração do Pai Nossa (*Mt 6,9-13; Lc 11,2-4*), de alguma forma os grandes esteios da pregação e ação de Jesus se fazem presentes: a relação com o Pai, o Reino, o pão, o perdão das dívidas, o enfrentamento das adversidades.

O texto da comunidade de Lucas é mais curto e deve manter, no seu conjunto, o teor mais próximo da oração original. Nas cinco petições se encontram exatamente os temas acima mencionados. Chama a atenção, no que diz respeito à questão do jubileu, o pedido do perdão das dívidas.

Numa formulação que deve traduzir a compreensão e o vocabulário da comunidade lucana, o perdão dos pecados por parte de Deus é pedido na condição de que

entre os seres humanos se realize o perdão das dívidas.

A comunidade de Mateus, neste detalhe, parece ter conservado o teor original da petição. Não distingue "pecado" e "dívida"; tanto na relação com Deus como naquela entre os humanos o termo é "dívida". Mas a relação continua a mesma: a harmonização das relações com Deus passa necessariamente pela supressão das dependências criadas nas relações entre os grupos humanos.

O peso que as dívidas representavam principalmente para os setores pobres do povo, que por elas tinham o processo de empobrecimento bastante acelerado, chegando, não em poucos casos, à escravidão.

O fato de tanto a comunidade de Mateus como a de

Jesus coloca na oração que nos ensinou a relação com o Pai, o Reino anunciado que já se faz presente na história humana, o perdão das dívidas e o enfrentamento das adversidades.

Lucas terem mantido o problema das dívidas como aquele que merece a atenção maior no âmbito das relações entre os seres humanos não deixa de ser significativo se se leva em conta que os termos na relação com o Sagrado são passíveis de mudança! Nada de escapismos intimistas ou privatizantes, como parece supor a formulação litúrgica católica mais recente (em alguns países, não todos!): "como nós perdoamos a quem nos tem ofendido"...

Enfim, uma última observação: não parece possível dizer que o teor da oração do Senhor tenha se desenvolvido em função dos ideais do jubileu. Não



há uma dependência literária direta entre os textos. Mas seguramente se pode afirmar que ambos, jubileu e oração, são expressões das utopias do povo de Israel e das comunidades seguidoras de Jesus: pão, terra, liberdade. E que permanecem, depois de dois mil anos de nascimento daquele que representa para cristãos e cristãs o sinal maior de que o jubileu é realidade a ser construída na história humana.

* Pedro Lima Vasconcellos, Doutorando em Ciências Sociais, e Rafael Rodrigues da Silva, Mestre em Ciências da Religião, são assessores do CEBI-SP, professores da PUC-SP e do Instituto do Sagrado Coração

"Nossos fracassos são às vezes mais frutíferos que nossos êxitos". (Henry Ford).

"O sábio não é quem fornece as verdadeiras respostas mas o que formula as verdadeiras perguntas". (Lévi-Strauss).

Muito se tem discutido a respeito do impacto da chamada globalização na vida dos países e indivíduos.

Banalização da injustiça social

Eleazar de Castro Ribeiro

Há uma polêmica que está acesa principalmente nos últimos 10 anos que diz respeito ao aumento da pobreza, da desigualdade e da exclusão social que a economia global tem provocado no mundo.

São as contradições políticas do neoliberalismo, regime predominante nos países do Ocidente e que tem sido associado à própria globalização.

Pela primeira vez, um autor traz a análise para o campo das organizações. Christophe Dejours, psiquiatra, psicanalista, professor do Conservatório Nacional de Artes e Ofícios e diretor do Laboratório de Psicologia do Trabalho da França, escreveu *A banalização da injustiça social*, onde traça um retrato do impacto neoliberal sobre o mundo do trabalho.

Dejours fala de uma guerra que acontece no mundo do trabalho em nome da

competitividade e do projeto neoliberal em todo o mundo, presente nos últimos 10 anos da história mundial.

Nessa guerra, utiliza-se um processo de exclusão em massa de pessoas, sem precedentes no mundo pós-revolução industrial. Nessa guerra, são excluídos os velhos que perderam a agilidade, os jovens mal preparados, os vacilantes. Exige-se daqueles que ficam desempenhos sempre superiores em termos de produtividade, de disponibilidade, de disciplina e de abnegação, com o objetivo de superar seus concorrentes, em nome da razão econômica. Os novos métodos de gestão nas empresas se traduzem pelo questionamento progressivo do direito do trabalho e das conquistas sociais, fazendo-se acompanhar não apenas de demissões, mas também de uma brutalidade nas relações trabalhistas que gera muito sofrimento.

Para Dejours, *essa guerra começou e se prolongou não só porque a lógica do novo capitalismo exige uma obediência ao sistema econômico mundial, mas também porque os homens e mulheres consentem e se submetem a ela, como parte de uma estratégia de sobrevivência, como resposta ao medo de serem excluídos, demitidos.*

Para que seja aceitável a submissão a esse estado de coisas, é necessária uma **postura de resignação**, como se a crise do emprego em todo o mundo fosse uma fatalidade, comparável a uma epidemia, à peste, à cólera e até à Aids.

Dejours criou a expressão banalização do mal com o mesmo sentido que Hannah Arendt a empregou no passado, com relação à sociedade alemã, que multiplicou a barbárie nazista nos atos civis comuns, contribuindo para excluir parcelas cada vez maiores da população.

Da mesma forma, a adesão à causa neoliberal por parte dos trabalhadores seria uma forma de defesa contra a consciência dolorosa da própria cumplicidade, da própria colaboração e da própria responsabilidade no agravamento da adversidade social.

Dejours desenvolve essa reflexão como resposta a uma pergunta que faz durante todo seu livro: por que os empregados acabam por colaborar com essas práticas dentro da empresa?

A resposta parece ser a seguinte: **a participação consciente do sujeito em atos injustos é resultado de uma atitude calculista. Para manter seu lugar, conservar seu cargo, sua posição, seu salário, suas vantagens e não comprometer seu futuro e até sua carreira, ele precisa aceitar "colaborar", mesmo que seja dotado de um senso moral.**

Assim, eles são envolvidas na prática dos trabalhos "sujos", que são traduzidos, dentre outros, pela divulgação de informações distorcidas na mídia interna e o exercício da crueldade contra os demais empregados. A essa última prática, Dejours chama de "virilidade", ou seja, mede-se a virilidade de uma pessoa "pela violência que se é capaz de cometer contra outrem, especialmente contra os que são dominados, a começar pelas mulheres". Um homem verdadeiramente viril é aquele que não hesita em infligir sofrimento ou dor a outrem em nome do trabalho. Não ser reconhecido como um homem viril significa ser um "frouxo". Eis a razão, diz o autor, porque se perdoa, com muita facilidade, o assédio sexual dos homens às mulheres, especialmente os líderes.

A virilidade é um dos temas preferidos das reuniões de confraternização dessas empresas, geralmente em restaurantes finos, onde se gasta muito dinheiro e se fazem brincadeiras picantes e vulgares, cuja característica comum

é evidenciar o cinismo, reiterar a escolha do partido que se tomou na luta social, cultivar o desprezo pelas vítimas e reafirmar os chavões sobre a necessidade de reduzir os benefícios sociais como forma de salvar o país da derrocada econômica.

Uma outra característica dessas empresas é a opção pela contratação de jovens inexperientes ou a terceirização maciça de trabalhadores, o que leva a uma "reserva" de trabalhadores condenados à precariedade constante, à redução dos salários dos empregados efetivos e a uma flexibilidade alucinante de emprego. Em geral, arregimentam-se os jovens sem qualificação técnica, privados da transmissão da memória do passado e sem os vícios da "velha organização". Com isso se pretende "apagar os vestígios" da velha ordem e provocar submissão dos novos empregados, desejosos de aprender e mostrar seu empenho. Os jovens acabam aceitando todas as tarefas polivalentes, sem regatear.

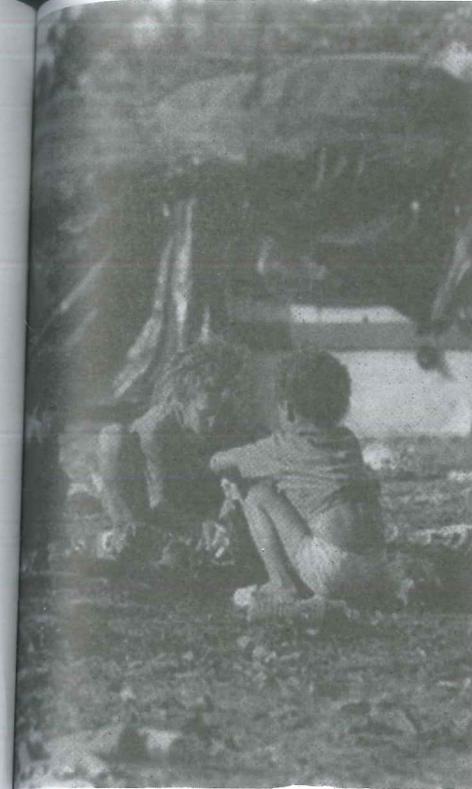
Para isso, é necessário, primeiro, remover todos os obstáculos do que chama de "teoria economicista" (que diz que é necessário precarizar as relações de trabalho em nome da urgência econômica de salvar as nações).

Entre esses obstáculos estão as pessoas, excluídas por meio de demissões,

enxugamentos, transferências e outras práticas do gênero: "... demitem-se prioritariamente os menos capazes, os velhos, os inflexíveis, os esclerosados, os que não podem acompanhar o progresso, os retardatários, os passadistas, os ultrapassados, os irrecuperáveis. Além disso, muitos deles são preguiçosos, aproveitadores e até maus-caracteres".

O que isso tem a ver com os cristãos? Se analisarmos do ponto de vista estritamente empresarial, pouco. Afinal de contas, até bem pouco tempo, as organizações eram consideradas como entidades alienadoras do homem e restritas sociologicamente falando, em comparação com a própria sociedade. Além disso, estaria fora do campo de ação da Igreja, já que esta se preocupa mais com os indivíduos. Nos últimos 15 anos, entretanto, as organizações assumiram um papel de destaque nas sociedades ao ponto de alguns estudiosos afirmarem que a sociedade futura será formada de organizações.

Assim, quando olhamos para a sociedade atual e todas as ramificações dos seus problemas, percebemos que os males das organizações fazem parte de um conjunto único de crenças e práticas que atingem a todos, indistintamente, e que podem ser sintomas de uma terrível variação no estilo de dominação do homem pelo homem, uma forma mais sutil em comparação com o fascismo e o



o problema. Afinal de contas, opressão é opressão em qualquer lugar. É necessário abrir os olhos e não se deixar manipular pelos slogans, pelos métodos triunfalistas de obter resultados, pelas tendências de punição e exclusão empresariais que não estejam de acordo com os princípios de respeito à dignidade do homem.

É lembrar que a Bíblia continua profética. Todo o seu conteúdo, apesar das tentativas dos que "espiritualizam" suas palavras, revela um profundo engajamento nas causas sociais e econômicas, inclusive no que diz respeito à sobrevivência do homem.

Como está escrito em Amós 5.12 e 8.4-6:

"Porque sei serem muitas as vossas transgressões e graves os vossos pecados; afigis o justo, tomais suborno e rejeitais os necessitados na porta."

"Ouvi isto, vós que tendes gana contra o necessitado e destruíis os miseráveis da terra... comprando os pobres por dinheiro e os necessitados por um par de sandálias..."

nazismo, mas não menos atemorizante: a ditadura econômica, a ditadura do acesso à sobrevivência em nome da salvação da economia. Em nome da sobrevivência econômica, se constrói uma lógica na qual se desconsidera a ética e se aproveita para eliminar os inimigos pessoais e ideológicos, ou mesmo aqueles que discordam de suas práticas.

Olhando por esse prisma, os cristãos têm tudo a ver com

- *Como nos colocamos diante das idéias dos autores citados?*
- *O que têm essas políticas com a nossa fé?*
- *Como podemos fazer efetiva, na nossa cidade, a nossa opção pelos pobres?*

Um dos aspectos mais dolorosos da Religião é o erro de perspectiva que muitos líderes ou seguidores cometem.

Um dos aspectos mais dolorosos da Religião

Pe. Zezinho*

O reverendo Jim Jones é um típico exemplo disso. Quis construir um lugar perfeito e um paraíso aqui na Terra para si e seus adeptos. Quando percebeu que não era possível, caiu em depressão, enlouqueceu e envenenou seus 800 fiéis, suicidando-se depois.

Que erro cometeu? Acreditou no Reino dos Céus depois da vida. Finalmente, achou que poderia criá-lo artificialmente aqui na Terra, num pedaço de selva das Guianas. E não entendeu que o Paraíso na Terra é impossível. Como não entendeu que o Reino dos Céus não é o Paraíso: "É a busca do melhor e mais perfeito, com a noção clara de que o perfeito absoluto só existe em Deus.", seu radicalismo confundiu o sonho com a realidade. Como esta não se ajustou ao sonho, optou pelo pesadelo. Quis dar a vida perfeita, mas deu a morte mais cruel.

O que seria, portanto, seguir uma religião? Fanática ou ingenuamente crer que a religião

tem respostas para tudo e que uma pessoa, verdadeiramente religiosa, é uma pessoa perfeita? Claro que não! Nenhum santo foi perfeito.

Cremos que só Jesus foi completo e perfeito no seu pensar e agir. Maria chegou perto da perfeição, mas a Igreja não ousa chamar Maria de perfeita, porque nenhum ser humano é perfeito.

Maria refletiu a pureza de seu filho e o que mostrou veio como dom de Deus. Só quem pode dar este dom é perfeito.

Quem o recebe não é totalmente perfeito, pelo simples fato de que receber tal dom já indica uma limitação; precisou de alguém ... Só Deus não precisa de ninguém para ser quem é. Dos demais santos da Igreja, diz que buscaram a santidade do melhor

modo que sabiam e os admira por isso. Mas a Igreja canta, com o livro santo, que até o homem justo cai sete vezes ao dia ...

É sábio e inteligente, portanto, entender que só é verdadeiramente religiosa a pessoa que se admite santa e pecadora. Santa por projeto de vida e chamado de Deus e pecadora, porque é limitada. E, na limitação, pode morar o pecado; como todo pecado vem do limite humano, leva a um limite ainda maior.

Tenhamos, portanto, medo dos pregadores que prometem felicidade a toque de caixa e garantem aos seus adeptos que na sua Igreja encontrarão a felicidade. Estão mentindo! A Igreja pode ajudar, mas não pode garantir a ninguém uma solução para todos os problemas humanos. Ao fim e ao cabo, depende do indivíduo e da sua resposta pessoal aos fatos do cotidiano, o ser feliz ou não ser.

Conheço ateus felizes e conheço pessoas que se dizem religiosas, que espumam e vomitam tristeza e infelicidade. Aderir à uma religião nem sempre resolve tudo. Aderir a Jesus Cristo, sim, mas isto é um a graça especial que nem todos conseguem. A religião pode ajudar, se vivida de modo lúcido. Caso contrário, atrapalha.

Que os católicos se convertam a Jesus Cristo. E que os espíritas, evangélicos e ateus também. Mas sem fanatismos nem loucuras. A última ajuda de que a religião precisa é a de pregadores tipo Jim Jones. Infelizmente, eles existem... Ligue o rádio e ouça o que alguns pregadores andam prometendo aos seus adeptos... É o mesmo produto que Jim Jones levou para as Guianas ...

* Sacerdote, compositor, cantor, com inúmeros discos lançados.

"Quando eu crescer quero ser ladrão". É o que devem estar pensando muitos adolescentes, vendo como se dão bem os que roubam muito. O único perigo é roubar pouco. O juiz que fraudou o INSS já está em liberdade faz tempo. O dinheiro sumiu. A famosa advogada, parceira das fraudes milionárias, já pode sair "para trabalhar", embora ainda tenha que dormir na prisão por mais um pouco de tempo. Ambos têm alguns milhões para curtir o resto de suas vidas com prazer e deixar uma boa fortuna para duas ou três gerações de herdeiros. Vamos ver o que vai acontecer com o juiz Lalau e seus parceiros. Talvez não escapem de um tempinho em prisão especial. Mas sobrará vida de rico depois. Já o pobre que roubou um pacote de macarrão...

Todos os que militaram em favor da justiça e dos direitos humanos, contra a tortura e a morte, na noite do regime militar, têm uma dívida impagável com esse homem corajoso.

Uma vida de doação, trabalho e amor

Entrevista ao Jornal de Opinião

D. Aloísio Lorscheider lutou pelos direitos humanos no Brasil na época do regime militar, tornando-se um permanente incômodo para os generais da ditadura.

Batalhou pela redemocratização do Brasil e pelo fim das torturas. Em março de 1994, como arcebispo de Fortaleza (CE), em uma de suas visitas a um presídio, foi feito refém e passou horas sob o poder dos presos, até ser libertado.

Pouco mais de um mês depois desse episódio, lá estava novamente na cadeia, visitando os encarcerados.

Em recente visita a Belo Horizonte, dom Aloísio concedeu entrevista a Dilene Ferreira, do Jornal de Opinião, da qual selecionamos algumas passagens.

Sobre o episódio do presídio.

"O motim ocorreu no dia 14 de março. Era costume nosso fazer visitas pastorais aos presídios. Durante os 22 anos que vivi em Fortaleza, fui ver os presos pelo menos três vezes a cada ano. Sempre me dei bem com os detentos e, na ocasião da rebelião, todos nós estávamos muito preocupados com a situação dos presos, pois as celas estavam superlotadas. Nesse dia, eu estava com um grupo grande de pessoas, entre religiosos e leigos. Começamos a visita pela cozinha, passamos pelos corredores e acabamos no auditório, onde teve início a rebelião. Sentimos um movimento estranho entre os presos e, de repente, me vi nas mãos de um deles, que me apertava muito a garganta. Começou um rebolico tremendo,

ouvimos tiros e muitos gritos. Esse rapaz que me segurava acabou me jogando no chão e só depois fui entender que, na verdade, ele estava me protegendo das balas dos revólveres. Passados alguns minutos, alguém apontou a arma para esse rapaz que me dominava e ele gritou: Se você atira em mim, eu mato o arcebispo! E encostou uma faca em meu pescoço. Lembro-me que meus dois bispos auxiliares na época tentaram me proteger de toda maneira. Depois de uns 40 minutos de confusão, nos levaram para um quartinho e lá ficamos umas boas horas. Tanto que até estabelecemos um relacionamento com eles. Um detento foi gentil arranjando uma cadeira para eu me sentar e até me sugeriu um canto mais seguro, pois no local onde eu estava era perigoso receber algum tiro. Os presos eram 14 e nós, reféns, éramos 13. Eles tentavam conseguir armas e um carro para fugir e nos diziam que se o governador não atendesse os seus pedidos, eles iam nos matar e em seguida se matariam". Felizmente, tudo acabou bem.

Sobre os novos bispos.

"Eu sinto que esses bispos novos que estão surgindo vão ser muito parecidos conosco, ou seja, com a velha guarda do episcopado. Nós, antigos, tivemos uma época muito difícil, que foi a época revolucionária. Houve totalitarismo



no Brasil e podemos dizer que a única voz que podia se fazer ouvir era a voz da Igreja. A Igreja, por um certo tempo, falou em nome de todos. Com isso, criou-se uma popularidade muito grande. Defendemos os encarcerados, as vítimas da tortura durante o regime militar e estávamos sempre em diálogo com o governo para tentar melhorar a situação. Enfim, a nossa ação foi realmente muito forte e ganhamos uma certa visibilidade. Hoje, a gente vive uma conjuntura diferente, a conjuntura do neoliberalismo, que é também muito difícil. É uma conjuntura mais econômica e, digamos assim, mais de sobrevivência do povo. Eu tenho a impressão de que toda aquela condição que se criou desde 1964 entre os bispos, e também a partir do Vaticano II, ainda permanece. Creio que esses bispos que estão

surgindo são também homens afoitos, audazes e capazes de se sacrificar. Desta forma, não tenho dúvida de que o novo episcopado brasileiro irá continuar toda a nossa trajetória e, certamente, fará ainda melhor, porque hoje as possibilidades são bem maiores, a começar pela comunicação. É importante também a gente entender que a grande força não é de um ou de outro bispo individualmente. A grande força são os bispos unidos na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB. Fundada por dom Helder, em 1952, a CNBB é uma bênção para a Igreja e para todo o nosso País. Lá está a linha de força dos bispos".

Sobre as manifestações religiosas de tipo carismático.

"Eu, pessoalmente, não bato tantas palmas para isso. Acho que não é por aí que vamos conseguir aquilo que o Papa chama de "nova evangelização". É um meio, mas eu não diria que aí está a solução. A gente não pode também dizer que eles estão errados, de forma nenhuma. Mas não podemos confiar só nisso. Eu acho que a Igreja tem que continuar com seu trabalho orgânico, humilde, sempre confiando no Espírito Santo, e lembrando que nosso Senhor gosta muito daquelas ações silenciosas, que não são publicadas".

Sobre João Paulo II.

"Eu acho que o Papa, pela sua própria formação polonesa, é uma pessoa mais conservadora no que tange às questões internas da Igreja. Agora, no que tange às questões sociais, o Papa não é tão conservador. Só para se ter uma idéia, ele foi o Papa que mais publicou encíclicas sociais. Em 1981, ele escreveu a famosa carta "Laborem Exercens" sobre a subjetividade do trabalho. Alguém já disse que depois da "Rerum Novarum", de Leão XII, publicada em 1891, esta é a carta mais importante do Vaticano. Em 1987, quando se comemoravam os 20 anos da "Populorum Progressio", encíclica do Papa Paulo VI, João Paulo II publicou a carta *Sollicitudo Rei Socialis*", que significa "Preocupação com a Questão Social". E, mais tarde, em 1990, no dia primeiro de maio, ele publicou "Centesimus Annus", no centésimo aniversário da "Rerum Novarum". As três encíclicas sociais que o atual Pontífice publicou são todas pertinentes. Por isso eu digo que, olhando mais as questões internas da Igreja, pode-se dizer que ele seja do tipo mais conservador. Mas, olhando as questões externas, aí sim, João Paulo II é muito aberto. O Papa é um grande defensor dos direitos humanos. E hoje eu digo que até mesmo do ponto de vista interno da Igreja ele não é de todo conservador. É inegável, por exemplo, que esse Papa deu uma grande abertura para o

ecumenismo e o diálogo interreligioso.

Ele tem umas atitudes interessantes, de modo que não podemos caracterizá-lo totalmente como conservador. Eu, pessoalmente, acho que João Paulo II é um grande Papa e tenho muita admiração por ele".

Sobre o futuro da Igreja.

"O futuro da Igreja está na solidariedade entre os povos e na unidade dos cristãos. Nós, que nos consideramos cristãos, temos que caminhar para a grande unidade. O

futuro da Igreja para mim está na direção do movimento ecumênico e eu diria também que na direção do diálogo interreligioso, numa profunda união e solidariedade. Aí está o grande caminho.

O próximo século tem que começar aprofundando o mistério de Cristo. Parece que 20 séculos não bastaram para isso e é preciso agora que se inicie um novo milênio para que a humanidade descubra, cada vez mais, a necessidade de se converter para Cristo. E, claro, se converter também para o próximo, porque aí está o sentido da comunhão".

Sua assinatura é grátil!

... se você presentear ou vender 5 assinaturas de

fato
e razão

a coleção de publicações do Movimento Familiar Cristão para evangelizar e conscientizar as famílias brasileiras.

Assinatura OURO – 6 números: 20 reais

Assinatura PRATA – 4 números: 14 reais

(PUBLCIÃO TRIMESTRAL - PREÇOS VÁLIDOS EM 2001)

Faça a lista dos novos assinantes com endereço completo, acrescente o seu, junte o cheque em nome do MFC e envie para a

LIVRARIA DO MFC

Rua Espírito Santo, 1059 / 714 – CEP 30160-922 Belo Horizonte – MG
Tel. (031) 3273-8842

Em todas as grandes religiões, os fiéis fazem romaria. A peregrinação é sinal de que as pessoas buscam a Deus. Rezam com a mente e os lábios, mas também com os pés e todo o corpo, pondo-se a caminho. Deus está sempre à frente e nos chama a caminhar: sair de nós mesmos para a terra estrangeira e sagrada do "outro", do "diferente". Dizia um Xamã indígena: "A gente caminha com os pés para aprender a andar com o coração".

A romaria do coração

Marcelo Barros*

Hoje, surgem novas formas de espiritualidade, sendo algumas centradas no próprio eu. Mas cada ano, em todo o mundo, cresce o número de peregrinos: muçulmanos vão a Meca, hindus ao Ganges, budistas a Benares ou ao Tibet. Novos grupos religiosos criam centros de peregrinação.

Os católicos celebram o Jubileu dos 2000 anos do nascimento de Jesus, peregrinando a Israel ou a Roma. Outros atravessam países a pé, no

caminho de Santiago de Compostela (Espanha). De todas as partes de Goiás, milhares de peregrinos vão à Trindade, na Romaria do Pai Eterno. No Nordeste, os romeiros do Padre Cícero acorrem a Juazeiro do Norte.

Toda peregrinação deve ser caminho para uma vida melhor e mais profunda. O povo vai ao santuário, faz promessas e cumpre seus votos para obter saúde, paz e vida feliz. A peregrinação é símbolo de uma vida peregrina. Desde o

nascer até o instante da última viagem somos todos caminhantes. Há pessoas e comunidades que assumem a itinerância como forma de viver, para trabalhar ou simplesmente para fugir das guerras e perseguições. No mundo atual, milhões de nômades reivindicam o direito a itinerar como forma de vida. No Brasil, muitos povos indígenas peregrinam todo o tempo, como o guarani "em busca da terra sem maus".

Na Bíblia, Deus revelou que não precisa de templos. O universo inteiro é o seu santuário. Nesse templo cósmico, toda pessoa humana é o altar no qual Deus se encontra e se revela. Jesus disse que "onde dois ou três se reúnem em seu nome, Ele está no meio deles e Deus escuta as suas orações".

As pessoas precisam de símbolos. Por isso, Deus aceita as romarias. O próprio Jesus fazia peregrinações. Foi numa romaria em Jerusalém que deu a sua vida pelo mundo. Mas, ele nos ensinou a peregrinar com o coração para o misterioso santuário da presença de Deus no outro ser humano, ou na comunidade religiosa, culturalmente diferente de nós.

Cada vez mais, o mundo se torna, para a maioria dos seres humanos, um vale de lágrimas, terra de muitos maus. Na sociedade dominada pelo individualismo e pela tirania do eficientismo, só uma peregrinação é permitida: aos bancos. Só um diálogo é incentivado: a

publicidade. Só uma forma de relação humana é incentivada: a concorrência.

Para se contrapor a isso e ajudar a humanidade a encontrar o seu verdadeiro rumo, espirituais de diversas tradições desenvolvem uma forma nova de peregrinação: o diálogo entre culturas e entre religiões a serviço da paz e da justiça. Recentemente, em Pittsburgh (EUA), representantes de muitos caminhos espirituais assinaram um documento, lançando a Iniciativa das Religiões pela Paz: fórum permanente de diálogo entre grupos religiosos para assessorar a ONU no seu trabalho pela paz do mundo.

Qualquer que seja a sua pertença religiosa, ou se você simplesmente crê na sacralidade da vida e no valor da pessoa humana, sinta-se conosco nesta grande romaria de amor e de comunhão com o universo.

Retome o caminho em direção ao próprio coração e abra-o ao santuário do outro.

* Monge beneditino e escritor, tem 23 livros publicados, dentre os quais o romance "A noite do Maracá" (Edit. UCG - Rede).
Fax: 062- 372 11 35.
Email: mostanun@cultura.com.br

A profecia e a luta pela terra: os profetas foram severos na denúncia da exploração dos camponeses pobres, situação que com roupagem moderna se mantém nos nossos dias.

A crítica aos proprietários de terra!

Pedro Lima Vasconcellos* e Rafael Rodrigues da Silva**

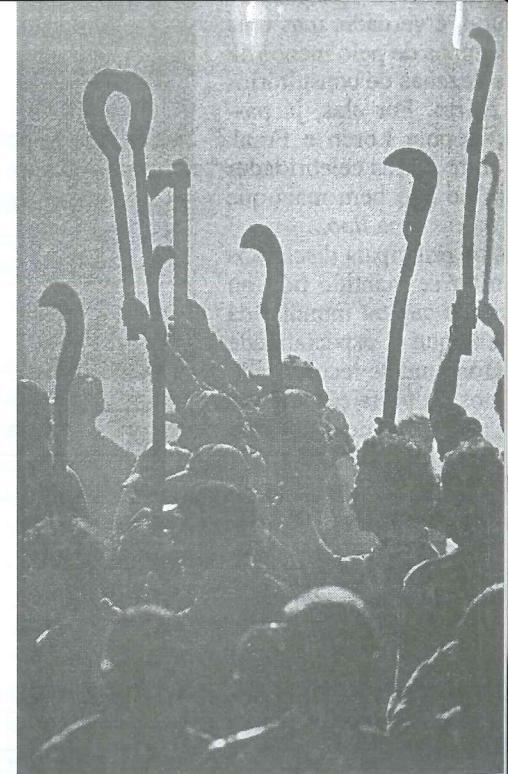
Os Estados de Israel e Judá gradativamente provocaram uma grande crise na situação dos camponeses, pois a monarquia significou na ótica dos camponeses um grande empobrecimento. Muitos textos expressam uma análise crítica da monarquia. É o que podemos ler em Gn 3,17 e 19 (o camponês irá comer o pão com muita fadiga e suor) e o famoso "direito do rei" (1 Sm 8,11-17), que consiste em tributar e tomar. Neste sentido podemos entender por que 1 Sm 22,2 e 25,13 diz que acompanhavam a Davi uns 400 homens sem terra e endividados. Com a monarquia muitos camponeses empobreceram. O estado recrutou muitos lavradores para o exército e para o trabalho forçado, na construção dos palácios, do templo e cidades fortificadas. Outro fator que levou

ao grande empobrecimento dos camponeses e o enriquecimento de alguns é a política da tomada das terras através das dívidas (Am 2,6), através da violência física, mas sobretudo da violência estrutural e político-econômica (Mq 2,1-2). Assim os ricos "ajuntavam campo a campo" (Is 5,8). Os camponeses e camponesas aos poucos foram se tornando servos e servas (Am 2,6 e 8,4-6), eram vendidos, usados e violentados (Am 2,7), caluniados (1 Rs 21), comidos (Mq 3,2-3) e massacrados.

Na luta pela terra os camponeses resistem. Através da profecia que revela a existência da opressão, da violência, do roubo e do saque promovido pelos poderosos. Denunciam a exploração e o processo de prostituição (Am 2,7 e Os 4,14), a opressão física e o roubo nas balanças (Am 8,4-6) e a

elaboração de leis favorecendo a exploração e o roubo (Is 10,1-2). A profecia é radical na sua ameaça aos reis e na defesa dos camponeses e camponesas empobrecidos. Anunciam com força que é preciso pôr fim ao reinado (Os 1,4 e Am 9,8) e aos seus instrumentos de roubo: o exército e o templo (Am 2,6-16 e Mq 3,9-12). A profecia e a luta pela terra vai insistir na distribuição e produtividade da terra (Am 7,17; 9,13-15; Mq 2,5; 4,4; Os 14; Is 65,17s); bem como, vai apontar que a salvação reside nos pobres da terra (Sf 2,3; Is 10,1; Am 8,4) que é o resto santo e fiel, de onde virá uma nova liderança capaz de transformar o lugar da cidade em matagal e provocar o povo a buscar um novo roçado.

Sugerimos, para um aprofundamento da presença da profecia em meio às lutas pela terra do povo de Israel e Judá, a leitura e reflexão atentas dos oráculos de Amós 2,6-16; de Miquéias 2,1-5 e de Isaías 5,8-10. Trata-se de expressões proféticas mais ou menos contemporâneas, da segunda metade do século VIII, época de grande auge econômico seguido de rápida ruína, devido à presença imperialista assíria que se faz notar no horizonte político a partir de 745 a.C. Os três oráculos respiram as aparências de desenvolvimento e crescimento em Israel e Judá. Mas a profecia tem outros olhos para mapear a realidade, e portanto outras



palavras para caracterizar sua avaliação.

Certamente a leitura destes textos trará luzes para a compreensão de nossos desafios atuais e ânimo em nosso embate contra o modelo neoliberal que converteu a terra em mercadoria e fez de nossas famílias camponesas muito menos que um par de sandálias.

* Doutorando em Ciências Sociais, assessor do CEBI-SP, professor da PUC-SP e do Instituto do Sagrado Coração
abelha@cidadanet.org.br

** Mestre em Ciências da Religião, assessor do CEBI-SP, professor da PUC-SP, Instituto Teológico Pio XI, Instituto do Sagrado Coração e ITESP
rafaeli@cidadanet.org.br

Já contamos este caso em número anterior. Vamos recordá-lo para introduzir uma reflexão: Dois jovens conversavam à beira de um rio sobre o sentido da vida. De repente, ouvem gritos de criança e notam que um menino de colo está descendo na correnteza. Apressadamente eles se jogam na água e salvam o menino. Em seguida, mais gritos. Desta vez três crianças são arrastadas pelas águas.

Pulam novamente no rio e cada um salva uma criança. Ainda tristes por não conseguirem salvar a terceira criança escutam choro e gritos novamente.

Agora é um número maior de crianças que são arrastadas água afora. Um deles pula na água e começa a nadar desesperadamente para salvar as crianças. O outro, ao invés, sai apressado. O companheiro que está no rio pergunta: "você vai abandonar as crianças à morte!?" O outro responde: "Continue a salvar algumas crianças que eu vou descobrir quem as está jogando rio abaixo".

A força do espírito

Eliomar Ribeiro, SJ

Este conto nos ajuda a entender a ação do Espírito Santo nas nossas vidas. Quando falamos em espiritualidade queremos dizer da ação do Espírito de Jesus em nossas vidas. Jesus passou em nosso meio fazendo o bem e nos convida a continuar, na força do seu Espírito, a cuidar da vida e da esperança das pessoas com quem convivemos. Diante da vida ameaçada, o Espírito nos inspira e nos impele a uma ação concreta. É preciso salvar vidas, mas é preciso detectar e estancar as causas que levam à morte. Hoje em dia vemos, pasmados, a vida ser tratada como

objeto de brincadeira. Quem não se lembra daqueles jovens de Brasília que atearam fogo no índio Galdino Pataxó!? Estavam brincando com a vida alheia!

O Espírito Santo é força que garante toda ação positiva em nossas vidas. Ele age na vida pessoal, mas muito mais nas experiências comunitárias. Ninguém pode prender o Espírito como se aprisiona passarinho na gaiola. "O Espírito é vento incessante ... ele sopra até no absurdo!" Mesmo quando não damos conta de definir a nossa experiência de fé, há uma força

que anima nossa vida, que grita que além da montanha há muito caminho por se fazer. Quando não há mais palavras, resta a Palavra que o Espírito diz. Quem se deixa guiar pelo Espírito de Deus sabe que o caminho se faz caminhando. Não dá para entrar pelo atalho nem ficar parado à beira da estrada. Quando caímos, outros caminheiros nos colocam de pé. É uma caminhada solidária. Ninguém pode ser deixado à margem, perdido, sem rumo.

Neste início de milênio quando muitas "ondas" ameaçam a pessoa e o projeto de Jesus, temos que perguntar se estamos nos deixando verdadeiramente guiar por seu Espírito. Há ainda muitos cristãos que se relacionam com Deus numa relação de troca: eu dou e mereço receber. Outros preferem uma espiritualidade espiritualista: basta louvar uma vez por semana, desafogar o coração, sentir-me em paz comigo que tudo vai bem. Outros ainda vivem uma fé desencarnada: a comunidade que celebra não é importante, a participação nos sacramentos é coisa de gente velha, o importante é curtir Jesus que está no meu coração. Temos que ter um grande

- *Qual a imagem de Cristo que divulgamos ou testemunhamos em nossa vida, em nosso movimento? É um Jesus para mim ou para nós?*
- *Dizemos que viver a espiritualidade de Jesus é converter o nosso coração para os amados do Reino. Como entendemos isto?*

cuidado para não sermos como os fariseus que louvavam a Deus com os lábios mas tinham o coração totalmente distante dele. Jesus nos deu a receita para o verdadeiro amor: o que importa é adorar a Deus em espírito e verdade! Ou seja: aquilo que a gente crê e vive na comunidade de fé é o mesmo que se vai viver na vida diária. Não dá para separar as coisas, senão a gente entra pelo caminho de uma certa "esquizofrenia espiritual": para cada momento da vida uma máscara diferente, uma atitude nova... Deus nos quer únicos, inteiros, plenos, maduros, apaixonados, amantes da vida.

Vivemos na força do Espírito que faz novas todas as coisas e nos convida a entrar no mar da vida para resgatar da morte quem está desesperado, jogado fora por um sistema que oprime, que corrói, que destroça qualquer esperança. Vamos também à busca da causa de tantos males, confiantes que Deus, que ressuscitou o Filho Jesus da morte pela força do Espírito, nos acompanha sempre neste processo permanente. A espiritualidade cristã não pode ser vivida em momentos isolados, pois ela é que move toda a ação humana e cristã.

"Ouve o conselho de quem sabe tudo sobre todas as coisas. Mas ouve com mais atenção o conselho de quem muito te estima".

Avaliar-se quantos ainda têm medo?

Sueli Carneiro*

Todo educador sabe que a avaliação é poderoso meio para verificar o estágio em que o educando se encontra. É possível, desta forma, identificar pontos que precisam ser reforçados ou transpostos. Mas este recurso não é apenas válido para um professor. Tanto assim que as modernas empresas, objetivando progredir, valem-se dele para detectar falhas e, a partir daí, otimizar a sua performance. Este caso diferencia-se do primeiro, pois a avaliação é solicitada por quem irá dela ser alvo.

A gerente de uma loja de cosméticos ligou para a casa de uma amiga – desejava apurar o seu grau de satisfação quanto aos serviços prestados pela empresa. Ela poderia falar sem máscara: "Costumava ser bem atendida pelas vendedoras? Os produtos eram de qualidade? Alguma reclamação a fazer?" Ela contou-lhe o que já havia comentado com as amigas. Foi-lhe prometido para breve um retorno, em termos práticos.

Minha amiga também constatou preocupação parecida no

restaurante que freqüenta. Há dias, o garçom apresentou-lhe uma pesquisa para citar os pontos negativos da casa. Ela externou seu desagrado. Andava, mesmo, engasgada por terem colocado uma televisão atrapalhando o bate-papo dos clientes. Ontem, lá chegando, verificou ter sido atendida. O restaurante cresceu aos olhos dela.

Mas a quintessência da avaliação é a que a própria pessoa aplica a si mesma com o intuito de melhorar-se. Santo Agostinho costumava fazer uso dela. Ao fim de cada dia, perguntava à sua consciência se havia faltado a algum dever, se ninguém tivera razão para dele queixar-se. E nos revela: "Foi deste modo que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Perguntaram-lhe, então: "Mas o amor-próprio não nos levará a ser complacentes com os nossos erros? Um avarento pode julgar-se apenas econômico e precavido, um omissso pode desculpar-se, alegando acúmulo de tarefas..." Ao que ele respondeu: "Isto é muito real, mas vocês têm um meio de verificação

que não pode iludi-los. Quando estiverem indecisos sobre o valor de uma de suas ações, perguntam como a qualificariam, se praticada por outra pessoa. Se a censuram no outro, não a poderão ter por legítima quando forem seus autores... Procurem também saber o que dela pensam os seus

semelhantes e não desprezem a opinião de seus inimigos, por quanto estes, como um espelho, nenhum interesse têm em disfarçar a verdade."

Bom tema, este, para reflexão.

* Colunista do Jornal Popular, RJ

- *Avaliar-se no fim de cada dia exige mesmo coragem?*
- *Como batem em nós as reflexões de Santo Agostinho?*
- *Vale a pena tentar? Pode dar bom resultado?*

Vergonha premiada

O prêmio veio da UNESCO, porque está diminuindo o trabalho infantil no Brasil. A vergonha porque essa aberração ainda é enorme.

A chave para enfrentar o problema é verba e fiscalização. Verba para implantar em escala nacional ampla o programa Bolsa-Escola, única idéia bem sucedida no Brasil e já exportada para muitos países.

A lógica é simples: se a família passa fome e a criança pode ir para a rua vender pirulitos trazendo alguns reais para casa, é claro que ela irá para a rua. Só irá para a escola se o resultado financeiro for o mesmo. A criança tem que trazer da escola, em dinheiro ou cesta de alimentos, o que ganharia com os pirulitos e chicletes, ou na carvoaria, ou no sisal. Não tem saída. Todos saem ganhando com a troca do lugar da criança.

Na escola ela passa a ter alguma chance de se incluir na sociedade, embora as desigualdades sociais profundas no mercado de trabalho ainda sejam barreiras adicionais de difícil transposição. Na rua ou na forja, além dos riscos de acidentes e das doenças típicas do trabalho precoce, há o da cooptação para a transgressão, o tráfico de drogas, a delinquência como alternativa mais rendosa que os míseros trocados conseguidos no trabalho de rua, roça ou oficina.

Por outro lado, a fiscalização tem que ser efetiva e dura. É preciso algumas punições caras exemplares e amplamente divulgadas para que os exploradores do trabalho infantil tenham medo das consequências e tomem vergonha na cara.

Leia, assine, dê de presente fatO e razão

Quem é o assassino?

Solução da charada do número anterior

Hugo deve estar sentado numa poltrona na posição A, pois alguém está sentado junto dele, à sua esquerda. Essa pessoa, o professor, está, portanto, na posição B do sofá. Seu nome deve ser **Wilson**, porque não é **Hugo** e não bebe (**Jorge** e **Samuel** estão bebendo). Como o general se virou para falar com **Wilson**, junto a ele, deve estar sentado no ponto C do sofá. **Hugo** não é o almirante (ele é cunhado do almirante). E os homens sentados nos pontos B e C são o professor e o general. Assim, o homem da poltrona D é o almirante e, assim sendo, **Hugo** é o médico. O almirante e o general são **Samuel** e **Jorge**. Mas quem é quem? Se nem **Hugo** nem **Samuel** têm irmãs e **Hugo** é cunhado do almirante, então **Hugo** deve ser casado com a irmã do almirante e **Samuel** não pode ser o almirante. Assim, o general **Samuel**, sentado na posição C do sofá é o único capaz de esticar o braço até o ponto D (pois ninguém se levantou) e colocar o veneno no uísque do almirante **Jorge**. Você acertou? Parabéns!

Televisão

Sonho do telespectador desesperado depois de assistir a certos programas de TV...



Se você gosta de

fato
e razão

**nós o convidamos para trabalhar na
venda de assinaturas desta coleção
de publicações de formação,
conscientização e evangelização.**

Você pode trabalhar nas horas vagas:

1. Trabalhar individualmente, ou com seu grupo, como promotor de vendas de assinaturas e anúncios, mediante ganho das comissões usuais pelo agenciamento: vendas a domicílio, em igrejas, escolas ou universidades, repartições públicas, empresas comerciais e industriais ou prestadores de serviços que queiram assinar a revista ou anunciar seus produtos e serviços.
2. Estabelecer na sua cidade uma representação de promoção de vendas, com a instalação e administração de pontos de venda avulsa, utilizando mostruários para expor essas publicações em lojas, bancas de jornais, colégios e universidades, paróquias, durante eventos, encontros ou seminários e outros locais.

**Se quiser conhecer melhor como pode atuar, escreva
ou envie mensagem por e-mail com seus dados pessoais:
Agência de Promoção do Movimento Familiar Cristão.
Correspondência: Rua Des. Saul de Gusmão, 80/VIII
22641-280 Rio de Janeiro – RJ
amorim@ibpinet.com.br**